Cinearte-Album para 1930

OS MAIS QUERIDOS ARTISTAS DO CINEMA

✣

TRICHROMIAS QUE SÃO QUADROS DESLUMBRANTES

✣

40 RETRATOS MARAVILHOSAMENTE COLORIDOS

✣

Contos, anecdotas, caricaturas e historias lindissimas... Confissões das telephonistas dos studios... Belleza !... O livro de WILLIAM HART, GRETA GARBO... Como foram feitos os "trucs" do "Homem Mosca"... Films coloridos. Originalidade sem par ! ...

Se tem bom gosto escolha suas revistas no meio destas.

GALERIA COMPLETA DOS ARTISTAS BRASILEIROS

✣

RIQUISSIMA CAPA COM **GRACIA MORENA**

✣

CENTENAS DE PHOTOGRAPHIAS INEDITAS

✣

Se na sua terra não ha vendedor de jornaes, enviae-nos hoje mesmo 9$000 em dinheiro, por carta registrada, cheque, vale postal ou sellos do correio para que lhe enviemos um exemplar deste rico annuario.

Um livro de Sonhos e Encantos ...

A' venda em todos os jornaleiros

SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"

TRAVESSA DO UOVIDOR, 21 -- CAIXA POSTAL, 880

R I O D E J A N E I R O

De Juiz de Fóra

Quando no anno passado os Cinemas da cidade annunciaram "A turba", eu não me pude alistar na legião dos "fans" que iam ter a ventura de admirar o estudo psychologico, a concepção artistica de um dos maiores entre os grandes idealizadores de fitas cinematographicas de Hollywood — King Vidor!

Entretanto agora, quando inteiramente perdidas as esperanças — o Cinema S. Matheus, anonymo, pequeno, escondido num recanto de arrebalde, offereceu-me uma opportunidade feliz, á qual não me pude furtar. E assim fui ver Eleanor que já me fez vibrar a alma de emoções em tantos filmes deliciosos, com a sua arte perfeita e requintada, sua inconfundivel "personal appearance" e seu perfil suave de escultura grega!

A noite estava linda. O luar banhava com a sua palidez argentea as ruas quietas, socegadas e a brisa agitava levemente as folhas do arvoredo. Na concha azul do ceu, mil estrellinhas scintillavam, movendo as palpebras espertas, cheias de mocidade.

Depois, numa tarde serena de oleogravura, fui vêr na tela do Central Corinne Griffith — "Divina Dama" — delicada figura de novella romantica, estatueta artistica de porcellana de Sévres, semelhante a algumas muito lindas que temos aqui no Museu Mariano Procopio, que a gente se compraz em contemplar atravez dos vidros das vitrines, no vasto salão profusamente illuminado, decorado com a aristocratica finura das sumptuosas telas de Maria Pardos, entre moveis antigos, jarrões floridos, medalhões preciosos e os serviços de chá que foram da Marqueza de Santos...

Corinne Griffith que me povôa o espirito de loucas phantasias, fazendo-me pensar naquella dama gentil de 1830 — que certa vez admirei num quadro, entremostrando o sapatinho fino de setim num suggestivo passo de minueto.

A imaginação compõe, ao vêr Corinne Griffith as scenas pittorescas do seculo remoto, perdido nas brumas do passado... a cabelleira empoada, mãos heraldicas, nervosas, prendendo leques de sandalo aromatico, um "boudoir" de luxo, um grande espelho de crystal finissimo, um frasco de perfume exotico, trescalante, uma flôr morrendo numa jarra de Faiença...

— No Gloria — Charles Farrell e Mary Duncan, olhos languidos, dormentes, labios sensuaes, mulher fatal — sulcando as aguas inquietas, buliçosas do tumultuoso "Rio da vida"! Janet Gaynor — "Christina", historia ingenua, muito ingenua, e os olhos da gente vão passear ao longo das estantes onde repousam em suas encadernações de luxo, os contos de Perranet! Era uma vez... uma menina formosa, que aguardava um principe encantado... um cavalleiro medieval, que deixando o seu castello longinquo, de muros intransponiveis, vastas ameias e pontes levadiças — viria buscal-a em sua humilde choupana — cavalgando um corcel ligeiro, branco como a neve! Eterno sonho da mocidade feliz, despreoccupada!

"Regeneração" — Richard Barthelmess, correndo os dedos pelo teclado de um piano e cantando a canção do "Rio dolente". Não tive a doce illusão de estar ouvindo a voz macia e velludosa do artista sympathico. Não tive ao menos a tranquillidade de vel-o na sua "performance", os grandes olhos escuros, o cabello bem penteado, o sorriso envolvente... porque o Ideal no domingo esteve simplesmente detestavel! Platéa incapaz de comprehender as subtilezas de téla. Si fosse no Gloria ou no Central, "Regeneração" ter-me-ia decerto saturado o coração de plenas e ruidosas alegrias, porque os filmes de Richard para mim são lindos como as notas sublinhadas de melancolia de um nocturno de Chopin, leves como a cadencia rythmada de um tango argentino voluptuoso e triste!

Mary Polo

(Correspondente de Cinearte)

Almanach do O TICO-TICO

O livro de contos dos ricos; O livro de contos dos pobres

1930

Contos, novellas, historias illustradas, sciencia elementar, historia e brinquedos de armar, e Chiquinho, Carrapicho, Jagunço, Benjamim, Jujuba Goiabada, Lamparina, Pipoca, Kaximbown, Zé Macaco e Faustina tornam essa publicação o maior e mais encantador livro infantil.

Se não existe jornaleiro na sua terra, envie 5$500 em carta registrada, cheque, vale postal, ou em sellos do Correio a Soc. An. "O MALHO" — Travessa do Ouvidor, 21, Rio, que será remettido ao seu filhinho um exemplar desta primorosa publicação infantil.

Preço no Rio: 5$000

A venda em todos os jornaleiros do Brasil

UMA BILLIE DOVE DIFFERENTE...

A PROVA de que os programmas cinematographicos já não satisfazem o publico está não somente no rareamento da clientella que raramente supporta mais de dois dias qualquer film no cartaz, mas ainda no furor com que essa clientella se atira a qualquer outro genero de diversão que porventura appareça. O Cinema já causou grandes prejuizos ao theatro quando os seus programmas eram superiores. Hoje porém é o contrario que está acontecendo. Uma pessôa que saia á noite de sua casa, depois de torcer tres e quatro vezes o nariz á deletreação dos programmas acaba por se decidir ao sacrificio de ir ouvir uma revista imbecil ou a traducção pessimamente arranjada de qualquer peça do theatro estrangeiro.

Isso se observa melhor pelo interior onde qualquer reles circo de cavallinhos com artistas mediocres faz victoriosa concurrencia ao Cinema local. Os proprietarios destes queixam-se com justa causa da fraqueza dos seus programmas, forçado pelas *linhas* dos locadores a nelles incluir tanta *pinoia* só digna da lata do lixo.

E a seguirem as cousas nesse geito, não tardará o momento em que começarão a fechar os estabelecimentos de projecção espalhados pelo nosso territorio em numero já de cerca de dois milheiros.

A bôa politica aconselharia talvez a diminuição dos preços de locação, principalmente para as pequenas localidades que não teem as possibilidades de lucro dos grandes centros mercê da sua clientella exigua. Não é essa entretanto a politica dos locadores que representando no paiz as grandes emprezas productoras nem ao menos podem hoje allegar as grandes despezas feitas com a confecção dos films, porquanto essas grandes despezas estão reservadas exclusivamente para os films sonóros.

O film americano só não perdeu o terreno conquistado desde a grande guerra porque a concurrencia européa não se tem feito sentir com rigor. Em caso contrario a maior parte da programmação *yankee* já teria sido varrida de todos os mercados. Em conversa que entretivemos ha tempos com o representante de uma das mais poderosas organisações cinematographicas norte-americanas fez-nos sentir que a continuidade da politica adoptada de só produzir films sonóros talvez o levasse a fechar as portas de suas agencias no Brasil, dado que o publico continuasse como o vem fazendo, a refugar os *bagaços* de film que são as versões silenciosas dos films dialogados, verdadeiros *bluffs* pregados a uma clientella que tem feito a prosperidade das referidas agencias, a ponto de ser em tempos o nosso paiz considerado um dos bons mercados para a producção dos Estados Unidos.

Não vemos como concertar esse estado de cousas. Esperar que o norte americano que dispõe de vastos mercados para a sua producção se resolva a tratar com mais carinho, mercados que elle está quasi resolvido a abandonar é esperança illusoria.

Temos pois que nos contentar com a industria européa. Satisfaz, por accaso os nossos gostos essa producção européa?

Absolutamente, não satisfaz.

Porque pois não nos abalançarmos á producção intensa do film nacional? Nunca existiu uma occasião mais opportuna. Não sabemos o que espera tanta gente que póde produzir films em grande escala.

ANNO V — NUM. 203
15 DE JANEIRO
— DE 1930 —

CINEMA BRASILEIRO

(DE PEDRO LIMA)

RAUL SCHONOOR E GINA CAVALIERE NUM INTERVALLO DA FILMAGEM DE "RELIGIÃO DO AMOR", BRINCAM COM OS FILMS DE "UNDERWOLD"...

Foi "Cinearte" que mais se bateu pela "União" no Cinema Brasileiro. Nós não sonhavamos ver todos os elementos do nosso Cinema reunidos num só studio.

E' impossivel. Era difficel conciliar todos os talentos. E isso não resolvia a situação como muita gente pensa. Sonhavamos com a reunião dos melhores elementos. Viamos, como ainda vemos, ali, um bom director sem auxiliares. Lá um excellente operador sem director. Nós desejamos apenas que ao projectar-se a producção de um film, fossem chamados onde estivessem, um bom, senão o melhor director, um bom operador e os artistas mais brilhantes. Era isso só. Como a unica grande falha do nosso Cinema é, a falta de orientação, tentamos depois a realização de algumas convenções.

Discutir-se-iam os nossos principaes problemas, estabelecer-se-ia uma orientação geral e mil e um pontos importantes e sem importancia seriam tratados. O unico que nos escreveu adherindo á idéa foi Humberto Mauro. E hoje, mais do que nunca, estamos vendo que o nosso Cinema não pode continuar sem uma direcção geral que já não está ao alcance de "Cinearte". Assim nos expressamos, porque, modestia á parte; esta revista tem sido o unico factor de união do nosso Cinema. Aqui temos descoberto estrellas, indicado directores, operadores, arranjado titulo de films e dado mesmo muita orientação.

Sonhamos agora com uma especie de Associação dos Productores Brasileiros, com reuniões bimensaes, ao menos. Seria mais facil a defesa dos nossos interesses e de quanta cousa se trataria!

Quantos problemas não seriam resolvidos, principalmente o mais importante, a distribuição? Seria uma especie de organização Hays que controlasse toda a nossa industria cinematographica. Assim, pelo menos, não teria sido exhibido em S. Paulo aquella grande pinoia, "O Transito", porque a Associação não permittiria que se desmoralizasse o nosso Cinema, não consenteria que se fizesse, um juizo tão grave do Cinema Brasileiro por causa de um film sem qualificação que não representa nem de longe as nossas possibilidades e não tinha necessidade de ser exhibido. Poderiamos controllar os nossos artistas que vêm constituindo um novo e bem importante problema. Já ha artistas que têm tido bem razoaveis renumerações pelos seus serviços e, no entanto, "posam" com ameaças, e as vezes já provocadas pelos productores que por sua vez deviam ser controllados pela Associação.

Que os sinceros interessados no successo do nosso Cinema reflictam um pouco e vejam o alcance dessa Associação e as vantagens que ella traria. Volveremos ao assumpto.

NITA NEY

S. Paulo, onde ha tantos recursos, poderia com mais vantagem sobrepujar todos os centros de producção do Brasil.

Mas isto não se dá, pela falta de orientação dos jornaes, que cuidam de Cinema, e por que não dizer? por um certo bairrismo sem nenhuma razão de ser...

Os productores paulistas, sem excepção, ainda não comprehenderam a verdadeira situação da nossa cinematographia.

Existem elementos de algum valor que seriam formidaveis para assegurar o prestigio e a supremacia do nosso Cinema, mas elles ainda não encararam as nossas possibilidades, quando, tambem, não se sentindo envaidecidos demais, não se contentam em ser o que são e querem o que não pódem. E' preciso orientação para S. Paulo, ou o seu Cinema continuará sendo o que maior numero de films apresenta, o que maior esforço dispensa a esta grande causa, mas não será o que melhores producções mostrará ao publico. Se fosse possivel a imprensa orientar aos productores, para que elles deixem de vez estas historias de matto com gente anti-photogenica, estes films historicos e estas filmagens de romances celebres sem adaptações radicaes ou peças theatraes transplantadas á téla, e mais algumas outras cousinhas, lhes lembrassem que Cinema é tratamento e que historia não vale nada, então sim, teriamos S. Paulo na vanguarda do Cinema Brasileiro.

E isto não custaria muito...

O CASAL ARY SEVERO – ALMERY STEVES, SUA FILHINHA VIOLETA E DUSTAM MACIEL

Mechita Cobos

Ronaldo de Alencar,

(Octavio Mendes, escreveu especialmente para CINEARTE)

RONALDO DE ALENCAR E ELISA BETTY NUMA SCENA DE "ESCRAVA ISAURA"

Ha 4 annos, despreoccupado, num café, um moço extraordinariamente sympathico fumava o seu cigarro. Cabellos ondeados, sorriso captivante, olhos escuros, tinha, visivel, um "que" de heroe de romance... A observal-o, com insistencia, estavam, á sua direita, dos individuos. E tal foi a insistencia dessa observação que o moço notou. Viu que lhe apontavam as cóvinhas do rosto, a curva do queixo e, em summa, os traços caracteristicos da sua physionomia previlegiada. Aborreceu-se e preoccupou-se. Preoccupou-se e retirou-se Seguiram-no, porém! Atravessou algumas ruas. Sombras gemeas, pelas mesmas, continuavam a caçada. O moço sympathico começou a monologar. "Serão secretas?" "Estarão me tomando por algum larapio?" "Ou pensam que eu sou o Ramon Novarro...". Continuou andando. Mais apressado. Até que, ao dobrar uma esquina, com medo de complicações, enfiou-se por uma das portas abertas e começou a galgar as escadas a 4 e 4. "Moço!!! Psiu!!!...". Parou. Esfriou. Desceu. Tremulo, chegou-se aos "secretas". "Moço, desculpe-nos! O senhor gostaria de ser artista de Cinema?". Que alivio! Uff! O moço respirou. "Artista de Cinema?". Explicaram-lhe o plano. "Vamos fazer um film. O thema é cousa bôa, o senhor é o unico que nos convém para o principal papel. Acceita?" Adejaram os pensamentos com rapidez phantastica. Resolveu, no cerebro, em meio segundo, todos os seus ideaes de arte. Sonhou coisas lindas em segundos. "Acceito. E quando começamos?". Conversando combinando planos, foram á outro café.

O film não se realisou. Foi, apenas, mais um sonho que fracassou. Mas os mesmos elementos, mais tarde, iriam tentar nova aventura. Eram elles, respectivamente, Ronaldo de Alencar, Marques Filho e Augusto Campos.

Nascido em Guariba, Estado de São Paulo, com 2 annos, veio, com a familia, para a cidade. Hoje, filho unico de um distincto e venerando commerciante, é o seu amparo e a sua esperança no desenvolver sempre frutifero do seu ramo de negocio.

Pequenino ainda, sentia, no seu sangue de artista, uma propensão estranha pela arte da representação. A musica, porém, fascinava-o igualmente. Pequeno, pequenino, mesmo, ouvia, com o encantamento do poeta que agrupa as suas phrases doiradas, a serenata que escorria, morna e suave, do violão que, chorando, reclamava um sorriso da janella de um sobrado...

Quando se fez rapaz, notaram-lhe a voz de tenor. E, muito embora preferisse um genero que lhe permittisse mais expansão, acceitou o canto como a expressão de arte que iria cultivar.

E, estudioso, fez, em pouco tempo, notaveis progressos.

Mais tarde, dando vida aos seus musculos poderosos, ingressou para um club de regatas. E, em pouco tempo, embóra com prejuizo para a sua vóz de ouro, fez-se "astro" do bóla ao cesto defendendo, mesmo, em algumas pelejas, o renome esportivo do seu Estado Natal.

Certa vez, com rara satisfação, recebeu um convite para integrar o elenco de uma companhia de operetas. Acceitou. Relembrou romanças bonitas de Lehar, de Kalman, de Lombardi. Enthusiasmou-se! A's escondidas, preparou tudo. E, certa vez, de sopetão, malas promptas, lançou a novidade. Ouviram-no seus paes e suas irmãs. Não o contrariaram. Disseram-lhe que estava bem. Mas quando ia para se despedir, leu, nas lagrimas de sua mãe e no sorriso amargurado de seu pae toda a desdita que lhes ia alma a dentro. E, filho exemplar, fez aquillo que lhe dictava a nobreza do seu coração. Desafivelou as correias da mala grande e enxugou os olhos molhados de sua querida mãezinha....

Falhando o plano, continuou cantando apenas para si. Para o seu coração. Para a sua alma. E, um bello dia, por intermedio de um amigo intimo recebeu um convite da Empresa Metropole para visital-a negocios.

Foi. Lá estavam Marques Filho e Augusto Campos. Os mesmos que, 4 annos antes, o haviam perseguido tenazmente. Disseram-lhe, depois, que queriam um "test" seu. Photographaram-no.

Exhultou. Dias depois, avisado, foi saber o resultado do seu "test". Levava o coração aos pulos e uma emoção fortissima agitando-lhe os nervos todos. "Ronaldo, você é bastante photogenico. Quer ser o Alvaro?". Subiu-lhe uma onda de sangue ao rosto. Sentiu que ia arrebentar de felicidade. "Como não!!!!" Gritou. E passou a viver desde aquelle instante, o seu papel de amante sentimental e terno...

Em casa, altas horas da noite, com insomnia na alma, fazia planos. Imaginava-se Alvaro. Sentia-

O Alvaro que amou Isaura...

se Alvaro. E, então, diante dos seus olhos, palpitantes, vinham as suas scenas de amor. Afagava os cabellos de Isaura. Beijava-lhe a testa morena e linda. Mãos nas mãos, dizia-lhe, aos ouvidos, ternamente, todo o seu grande amor. E confiava. Tinha esperanças!

Começou a trabalhar. Sacrificando os seus interesses particulares, por amadorismo genuino e sincero. Com toda a sua alma. Mas, intimamente, levava aborrecimentos. Nos motejos que o affligiam em casa e no seio dos seus amigos e companheiros. Com a sua familia, para a qual, modestamente occultára a realização deste seu ideal, servia para perguntas taes: — "Mas Ronaldo, para que essas costelletas de apache?" E implicavam com o seu bigode grosso e com o seu cabello comprido. E os seus collegas, por sua vez, quando e viam, uns perguntavam pelo endereço da prisão do barbeiro e, outros, mais intimos, apertavam-lhe as bochechas, davam-lhe palmadinhas na mão e olhavam-no com olhos melósos...

Querendo, ás vezes, com o seu enthusiasmo, corrigir alguma deficiencia da continuidade do film, soffria phrases assim: — "Oh Ronaldo! Deixa disso! Você não entende nada deste negocio!" De uma feita, pediu-lhe o director uma expressão de zanga. Naturalmente, como o faria na vida real, Ronaldo enrrugou ligeiramente a testa e, lemente, cerrou o sobrecenho. Fez aquillo expontaneamente e naturalmente. Acharam horrivel e, com um thesouro resolveram tudo. Cortaram-lhe as sobrancelhas em fórma de triangulo para lhe dar uma physionomia de satanaz enfurecido...

RONALDO TEM GRANDE ENTHUSIASMO PELO NOSSO CINEMA

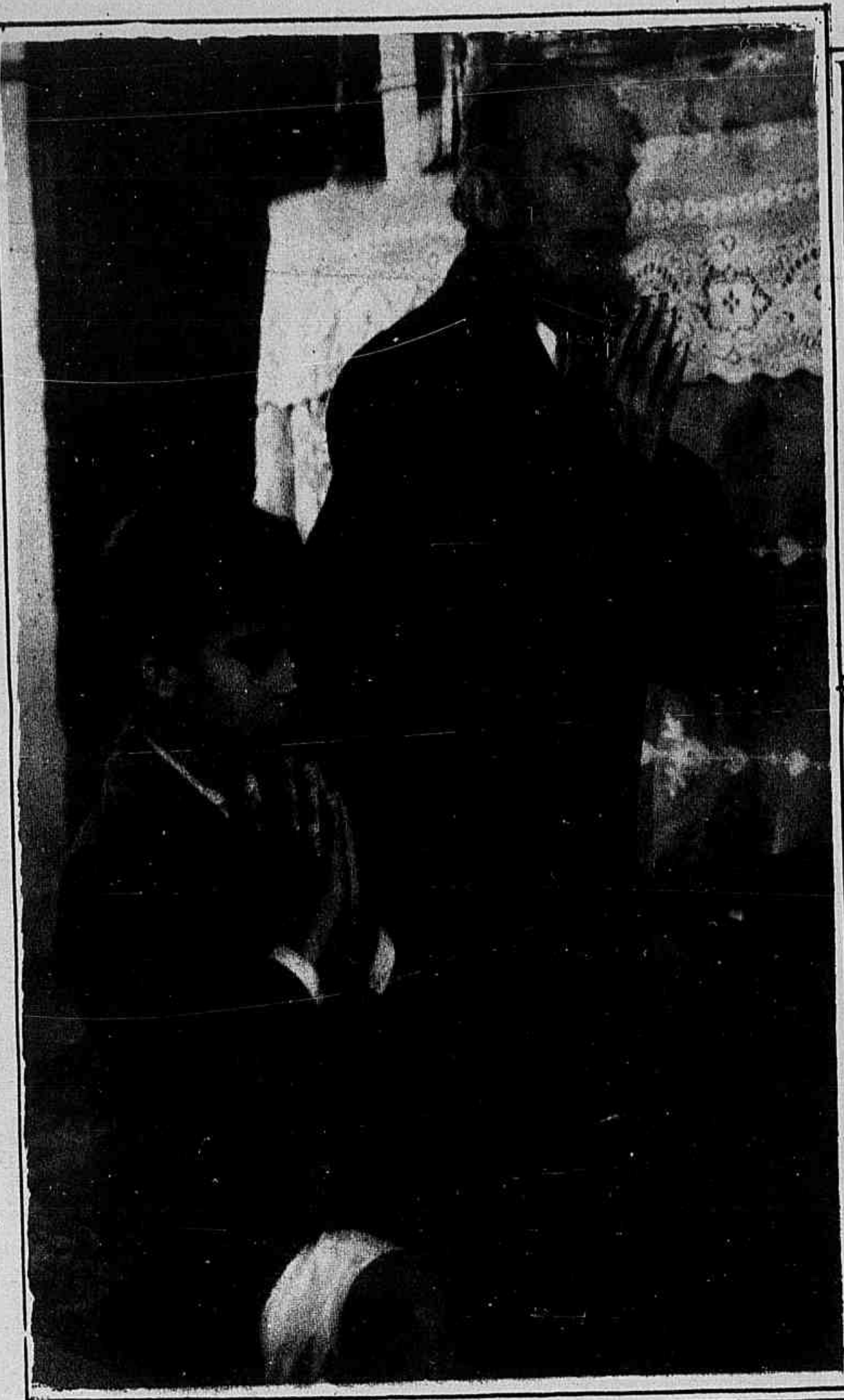
Sabendo que Isaura éra a sua paixão, cria dever amal-a com toda a delicadeza de um affecto honesto. Como não visse idyllios no film e sabendo que a parte amorosa de uma fita é tudo, quiz indagar se elles existiam. Responderam-lhe, em troca, que: "se os quer, Ronaldo, escreva-os, dirija-os e interprete-os..."

Outra occasião quando, numa das scenas, combinado com o director ia dar um beijo de improviso na estrella, teve uma das suas desillusões. Ao signal convencionado, rapido, tomou a cabeça de Isaura nas suas mãos e, rapidamente, beijou-a com carinho e ternura. Recebeu um empurrão e, notando que a preoccupação da estrella partia de um vulto branco que se notava entre arbustos, á retaguarda, viu que de lá, furioso, brandindo um punhal, sahia um homem que gritava que "ia quebrar a machina e matar o homem do beijo"...

Uma das scenas que reputava de mais sentimentalismo, éra a do colloquio amoroso que tinha com Isaura, naquelle jardim de inverno, antes de Isaura ser desmacarada por Martinho. Grande numero de comparsas espreitava a scena. Ronaldo approximou-se, confiante. Perguntou ao director o que devia fazer. Em troca, ouviu. "Ronaldo. Temos uma scena amorosa. Desenvolva-a..." Calou e dirigiu-se á si proprio...

Sob esta impressão de vasio, no seu desempnho, com pouca confiança

(Termina no fim do numero).

E' MAIS UM FILM BRASILEIRO...

SCENAS DO FILM BRASILEIRO "FRAGMENTOS DA VIDA", DIRIGIDO POR JOSE' MEDINA

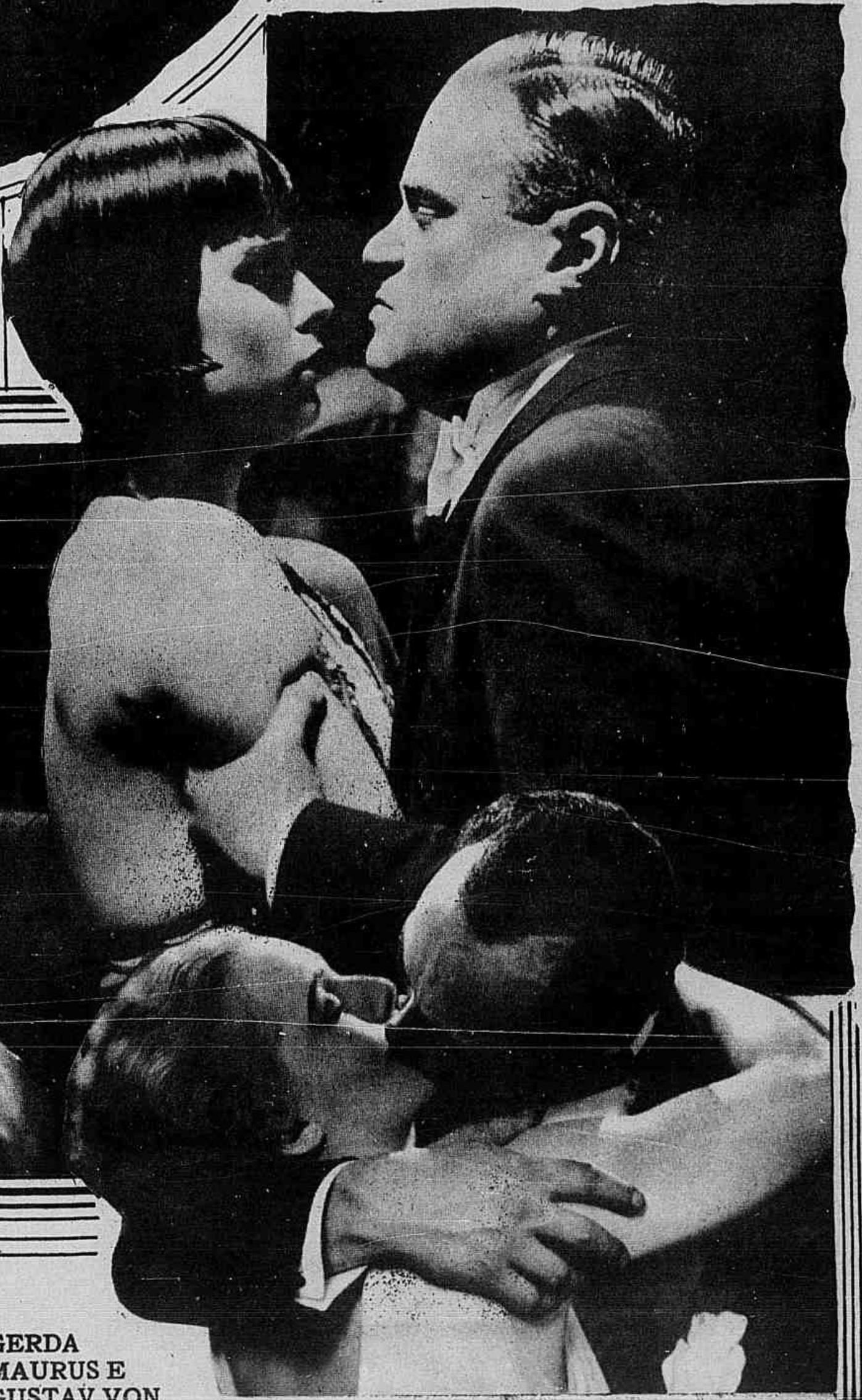
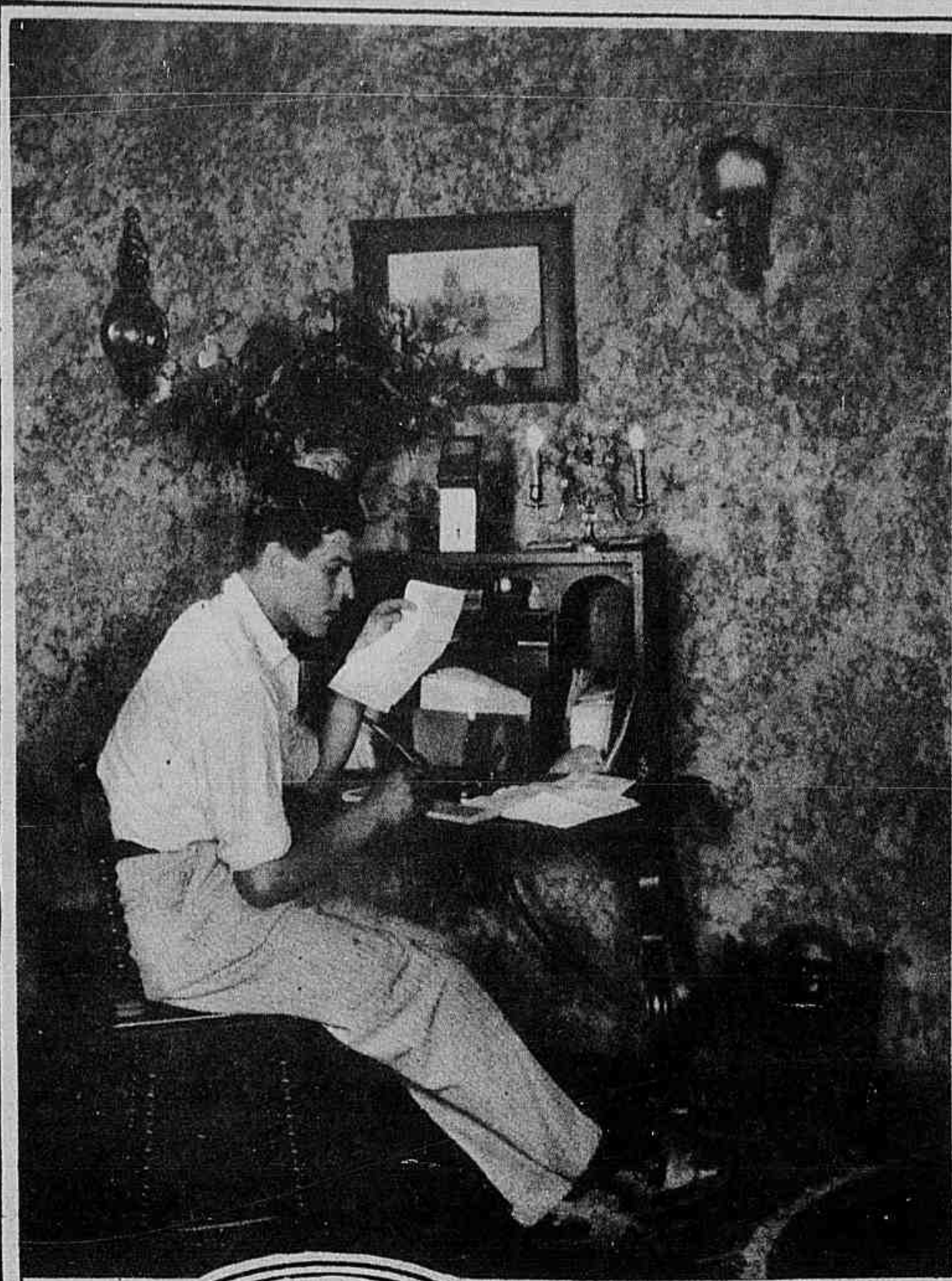
CARLOS FERREIRA, INTERPRETE PRINCIPAL

Carlos Ferreira e Alfredo Roussy

CARLOS FERREIRA E AUREA DE AREMAR

DOROTHY MACKAILL

METADE CARA DE JACK MULHALL...

QUANDO E' QUE VEM OUTRO "MILAGRE DA ROSA"?

COMO
VIVEM
GEORGE LEWIS
E SUA ESPOSA,
VETERANO
E CALOURA...

ELLES
SÃO
MUITO
FELIZES
E TEEM
UMA
CASINHA
MUITO
BONITINHA...

UM GRANDE AMOR DE

SO' AGORA E' QUE SE SABE O GRANDE AMOR "RUDY" TINHA POR UMA PEQUENA DESCONHECIDA DOS "FANATICOS" DO CINEMA...

Nas exequias do terceiro anniversario da morte de Rodolpho Valentino, ha pouco realizadas em Hollywood, notava-se a presença de umas duzentas pessôas.

Ha tres annos passados, nessa data, quando elle falleceu, em New York, seria impossivel contar o numero das caras tristes.

Na celebração deste terceiro anniversario não se viu, por assim dizer, gente de Cinema. Alec Francis, que pronunciou as palavras exigidas pela praxe; George Ulman, o administrador de negocios de Valentino e promotor da celebração; o irmão do morto, que herdou os seus bens; Cora Mac Geachy, que, segundo affirma Natacha Rambova, recebia as mensagens espirituaes de Valentino, emquanto vivo, eram os unicos presentes.

O restante, pondo-se de lado o pessoal de imprensa, era, na sua maioria, turistas.

Emquanto os meus ouvidos recebiam os accórdes da pequena orchestra que acompanhava o serviço funebre, eu me recordava da noite que passei em Falcon Lair, a casa de Valentino pendurada lá no alto de Beverly Hills. Revivia em meu espirito a impressão daquelle interior, deserto ha dois annos, e lembra-me do artigo que tive o desejo de escrever immediatamente, após a minha estação nocturna, naquelle quarto desabitado de Valentino, que eu tinha a estranha impressão de não estar vazio — fala uma jornalista americana.

Uma das minhas amigas falara-me, um dia, de uma rapariga que, outr'ora, dansara com Valentino no Maryland Hotel, em Pasadena. Falára-me da pequena do telephone, que recebia os seus chamados, na occasião em que elle começava a exhibir-se, na California.

Falára-me, tambem, de uma outra rapariga que, segundo lhe haviam informado, conhecia Valentino mais que nenhuma outra mulher, inclusive aquellas que foram suas esposas. Mas a minha amiga esquecera os nomes de taes creaturas e não sabia onde ellas paravam. Quando chequei á casa, fui ao telephone; podia ser que a minha amiga já se houvesse recordado de qualquer coisa.

Mas não, ainda não. Apanhei, então, o livro dos telephones e puz-me á cata. Nisso, o apparelo chamou. Era a relho chamou. Era a minha amiga.

"Curioso, disse ella, mal você havia desligado a communicação, o telephone tilintou, e quem me chamava era a rapariga que buscavamos. Como eu dissera a você, ha tres annos não tinha noticias della. Olhe, tome nota do seu nome e telephone".

Não tardei a pedir a ligação indicada e achei-me logo em communicação com a Sra. Fraley.

"Que foi que a levou a procurar á minha amiga naquelle momento?"

"Eu me achava sentada na minha saleta, com minha filhinha aos meus pés. O radio funccionando. De repente, veiu-me ao espirito o tempo de Pasadena. Comecei a pensar em Rudy.

Parecia-me estar a vel-o. Lembrei-me que havia conversado com a sua amiga a respeito delle. Senti o desejo de communicar-me com alguem e fui ao telephone, não sabendo mesmo si ella ainda morava da cidade".

O sobrenatural? Telepathia?

Quem sabe lá.

Acceitando o meu convite para jantar, ella — Kitty Phelps — falou-me de Valentino, longamente. Fôra apresentada ao mais tarde grande astro da tela num dos antigos cabarets de Los Angeles, hoje extincto, por Harold Lloyd e Mal St. Clair. Ella dansou com Valentino, que lhe perguntou se não lhe agradaria exhibir-se em numeros de dansa.

No dia seguinte, Valentino foi a Pasadena e, sem nenhuma apresentação ou recommendação e nem mesmo uma prova de ensaio, conseguiu um logar no Maryland. A mulher que lhe facilitou a sua opportunidade, que teve confiança nelle, mais por intuição que por sciencia, é dona hoje de uma loja de objectos de arte, em Laguna Beach, na California.

Tres dias para fazer os costumes. Foi Valentino quem deu os modelos dos seus vestidos. Levou-a á modista, fiscalizou pessoalmente a applicação das fitas, a verdadeira alluvião de fitas que compunham as cores do arco-iris, nas grandes mangas que elle havia desenhado para ella.

Em seguida,, estrearam. As damas da sociedade fizeram circulo em torno do par e applaudiram com enthusiasmo os dansarinos. Valentino estava lançado na California, como um "entertainer" e "entertainer" do bello sexo. Era o primeiro passo para a gloria.

Havia ali uma dama franceza, senhora rica e de situação social. Os seus salões acolheram o novo idolo das mulheres. Valentino dispunha do seu automovel e da sua bolsa.

Mas, para a pequena do telephone, a sua companheira de dansa, e as outras elle continuava o mesmo rapaz pensativo, que appellára para aquelle trabalho afim de não passar fome.

Valentino começou a frequentar os Studios durante o dia, emquanto dansava e era senhor dos salões sociaes, á noite. Para as suas visitas aos Cinemas elle usava automoveis de luxo — os carros da senhora franceza, da senhora J. Cudaly, mãe de Michael e de outras mais.

Valentino obteve na Universal um pequeno papel de camponez italiano, porque o seu typo era o que mais se prestava. Por essa occasião, conheceu May Murray e trabalhou no film seguinte dessa artista. Era mais um passo. Nesse tempo ninguem, em Hollywood, se considerava honrado com o conhecimento de Valentino. Para a gente do film elle era considerado um gigolô — sem que essa palavra houvesse ainda sido introduzida no uso corrente.

Jean Acker havia ganho um processo contra uma companhia em transito. Jean possuia um bello carro. Valentino casou-se com ella. Outro passo á frente? Assim elle o acreditou.

Tres semanas depois, elle dansava no Hollywood Hotel, que era o grande "rendez-vous" da moda. Os seus olhos cahiram sobre uma linda rapariga, de longos cachos, de rosto de creança, que não conhecia ainda os processos dos homens e das mulheres. Valentino arranjou para lhe ser apresentado.

Katherine Lewis é uma das poucas mulheres que conheciam realmente Valentino. Para elle ella era Tina, para ella Valentino era a melhor pessôa que jamais ella conhecera. Nunca ninguem ouviu falar della, porque, Katherine considerava um verdadeiro sacrilegio explorar essa amizade. Como amiga e não como publicista, ella me permittiu lêr as cartas de Valentino e falou-me a respeito delle. Estou trahindo a sua confiança, mas elle me perdoará. Se assim procedo é com o intuito de mostrar a outra face — a face que nunca o publico conheceu — de Rudolph Valentino.

Ella não assistiu ao serviço funebre de anniversario. Ficou em casa e leu as suas cartas. Em vez de assistir á ceremonia commemorativa, ella ficou com a memoria de Rudolph, que vive nella.

Depois da apresentação acima referida, ella passou seis mezes sem vel-o. Valentino era um homem casado. Mas elle lhe telephonava todos os dias. Depois ella passou a avistal-o, diariamente.

Valentino

Longos passeios, a pé, de automovel, longas palestras a respeito da vida.

"Tina, eu desejaria collocar-te n u m a redoma de vidro, para que ninguem te tocasse.

"Tina, quando estou junto de ti sinto que não sou um homem máo.

"Eu quero que as minhas mulheres sejam toda bondade ou toda maldade, mas prefiro a primeira hypothese."

Nas reuniões, quando se offereciam cigarros, antes que ella tivesse tempo de se manifestar, acceitando ou recusando, elle intervinha:

"Tina não fuma". Daqui a pouco era: "Tina não bebe".

Eu repito: nenhuma mulher, jamais, o conheceu c o m o Tina. Quando elle foi a New York, em 1920, viagem de que resultou "Os Quatro Cavalleiros", era a ella que Valentino escrevia. Eu li essas cartas. São cartas de um homem a uma donzella, a donzella que constitue o objecto da idolatria de cada homem na vida.

A primeira dessas mensagens, datada de 10 de Fevereiro de 1920, reza:

"Minha querida Tina. New York e eu estamos a dizer-te adeus, e ao dizer-te isso, tenho o teu retrato sobre a mesa, deante de mim... Voltarei á California, pois nós fazemos muita falta um ao outro."

Depois elle se casou com Natacha Rambova. Continuou, no emtanto amigo de Tina, embora raramente se avistassem. E' provavel que nunca se tivessem sido namorados, embora se amassem.

A ultima vez que Tina o viu foi no Montmatre, tres dias antes da sua viagem fatal a New York. Ella se achava em companhia de cinco outras raparigas.

"Vem, Tina, passar a noite commigo".

"Não posso, Rudy. Vou para a praia com as pequenas".

"Oh, Tina, vem commigo!"

"Mas, tu pódes vir comnosc

"Que! Eu com seis mulhere. Tina, isso nunca!"

Supplica que raramente falhava com as mulheres. Elle acompanhou-a ao automovel, ajudando-a a subir e despediu-se: "Adeus, Tinazinha. Vou embarcar para New York. Queira-me bem e sê sempre bôazinha!"

Tina empallideceu. "Que tens, Katherine? Parece que vaes desmaiar. Que foi que Rudy te disse?"

Ella meneou a cabeça. Quando mais tarde recebeu a noticia da morte de Valentino, ella não teve surpresa. E o unico pezar que jamais ella sentiu no decurso dessa amizade, foi não ter passado aquella ultima soirée com elle.

Katherine falou-me de Paul Ivanhoe, o homem que, mais que todos, gozou da intimidade de Valentino. Esse nome, tambem, no emtanto,, não fôra mencionado no que se tem escripto sobre Valentino. Elles se conheceram por apresentação de um esculptor russo, Paul Trovbetzkoi. Valentino passou algum tempo na casa de campo que Paul Ivanhoe possuia numa região selvatica. Elles ali viveram na maior intimidade, como camaradas de cama e mesa.

Já se tem escripto que Valentino conheceu June Mathis em Chicago e que foi ella quem lhe deu "Os Quatro Cavalleiros do Apocalypse".

Ivanhoe affirma que, quem lhe deu esse livro, para lêr no trem, foi uma amiga — a senhora Cudahy, acredita elle. Embora Rudq não tivesse o habito frequente da leitura, desta vez elle leu. Ouvindo, depois, que iam fazer um film com esse livro, elle pensou em arranjar um logar no film, como dansarino de tango.

"Onde tem você estado?" perguntaram-lhe. June Mathis foi uma das que lhe fizeram essa pergunta. Valentino obteve o papel de "lead", com 350 dollares por semana. O film exigia vinte e sete costumes, e elle os mandou fazer em New York, que lhes foram sendo enviados de um a um, conforme elle ia podendo pagal-os.

Foi o maior passo de todos — aquella viagem a New York.

Rudy e Natacha deixaram a casa de Ivanhoe, em Palm Springs, para se casarem em Mexicali. Ivanhoe não foi assistir ao casamento, que não mereceu a sua approvação.

Elle nega que Rudolph Valentino, pelo menos, até os derradeiros dias da sua existencia, tenha acreditado no espiritismo. Elle se preoccupava mais em comer e dormir. Dotado de pouca energia nervosa, o essencial para elle era dormir.

Em 1920, Douglas Gerrard, Emmet Flynn, Walter Mc Grail, John Gilbert — que faziam pequenos papeis na Fox — estiveram todos passando dias na casa de Ivanhoe, em Palm Springs. Valentino vivia ali todo o tempo a gracejar com os seus amigos.

"Acabo de fazer um film, que me tornará o homem mais celebre do mundo", disse elle bolindo com John Gilbert.

John não gostou da pilheria, e originou-se d'ahi uma discussão e briga.

O film a que elle se referia era "Os Quatro Cavalleiros do Apocalypse".

Na occasião em que fez esse film, Valentino morava na simples e modesta casa de apartamentos "Tormosa".

Mais tarde, já senhor de 1.200 dollares por semana, e tendo como attracção de bilheteria um valor calculado em 12.000 dollares, elle adquiriu uma casa, em Whittev Heights, onde foi residir Natacha Rambova. Valentino morava com Ivanhoe, em Tairfield. Falcon Lair veiu depois. Historias sobre historias, a respeito de Valentino. Reminiscencias sobre reminiscencias. Do rapaz que desenhava os modelos de vestidos da sua companheira dansarina ao homem rodeado, assaltado e talvez ludibriado pelas mulheres em adoração.

Máos conselhos, máos empregos do dinheiro. Eil-o arrebatado numa nuven de tempestade que corria com uma velocidade que o seu proprio espirito não podia acompanhar. Adorado e desprezado, amado e invejado.

Paul Ivanhoe estava em Hollywood, mas não foi aos funeraes de Valentino.

"Não havia ali presente, talvez, meia duzia de pessoas que o estimassem; muito maior era, sem duvida, o numero dos que estivessem com a sua morte e fóra da competição".

Elle não assistiu ao serviço funebre, preferiu ficar a rever as mil — mil, de verdade — photographias em que ambos estão juntos.

Existe um monumento commemorativo, de Valentino, que muito pouca gente conhece. Trata-se da estatua dos tres soldados, existente em Westlake Park. Na figura da direita, o braço é de Valentino. Paul Trovbetzkoi tomou para modelo o braço de Valentino, que era uma perfeição.

O unico monumento a Valentino, aquelle braço, para commemorar soldados mortos.

(Termina no fim do numero)

UM DIA, UM INTIMO AMIGO DE VALENTINO, PERGUNTOU-LHE QUAL ERA O SEU VERDADEIRO AMOR. ELLE RESPONDEU QUE AMAVA LOUCAMENTE CINCO MULERES AO MESMO TEMPO...

(RIVER OF ROMANCE)

(*Especial para "Cinearte" de L. L. CARLOS*)

Tom Rumford . . . . *Charles Rogers*
O notavel Coronel Blake . . . . . *Charles Rogers*
Lucy Jeffers . . . . *Mary Brian*
Elvira Jeffers . . . . *June Collyer*
General Jeff Rumford . . . *Henry B. Walthall*
Orlando Jackson . . . . *Wallace Belry*
Cap. Blackie . . . . *Fred Kohler*
Mexico . . . . *Natalie Kingston*
Major Patterson . . . . *Walter Mc Grail*
Joe Patterson . . . . *Anderson Lawler*
Madame Rumford . . . *Mrs. George Fawcett*
Rumbo . . . . *George Reed.*

Voltando de Philadelphia, onde vinha de completar os seus estudos, Tom Rumford penetrára no seu lar paterno de Mississipi, encantado e emocionado. Além da alegria de rever seus paes, tão carinhosos embora tão austeros, além do encanto de tornar a ver aquellas suaves paysagens dos arredores de sua residencia, Tom tinha o prazer de lá encontrar suas duas primas, hoje moças, Elvira e Lucy.

Em poucos dias, um romance de amor se estabelece entre a mais velha das duas irmãs e o recem-chegado. E' testemunha dos seus idyllios

O RIO DO

e encantamentos a pequena e sensivel Lucy, cujos 19 annos abriam-lhe nalma um mundo de sonhos de amor e esperanças deslumbrantes de felicidade. Tom, para ella, era o homem ideal! Que felicidade a de sua irmã! Possuir, para si, o amor daquelle primo encantador, que, desde que chegára, parecia animar de uma vida nova e extranha os antigos habitos e objectos da senhorial vivenda! Ella sempre dizia ao primo, nos raros momentos em que Elvira o deixava: — Tom, o que mais admiro em ti é o teu gosto pela tranquillidade, teu amor á paz. Aqui, todos os homens são exaltados o disputadores. Encanta-me vêr como és calmo e pacifico.

A outra, Elvira, não tinha tempo para reparar nessas qualidades encantadoras do primo. Seu tempo era pouco para as mil e uma "coquetteries" que idealisava para mais prendel-o. O peor é que as suas ambições não paravam ahi. Os Rumford mantinham certas relações de tradição, entre as quaes o valentão Major Patterson e seu desbotado irmão Joe. Entre Elvira e o Major parecia haver algo extranho... Mas aquella gente séria e simples não desconfiava... O major, certa vez, em visita, declarára que acabára de matar um seu inimigo pelo qual nutria odio de morte, faltando apenas para a reivindicação da sua honra o irmão do assassinado. Quando cumprisse mais esse "acto de justiça" poderia elle então considerar-se um homem digno. A moral e as leis variam com a differença dos climas. O codigo de Mississipi, que servia tão bem ao odio do Major Patterson, era inteiramente extranho ás idéas e ao modo de pensar de Tom, educado em Philadelphia. O major desagradava-lhe por completo.

Durante a realização de um grandioso baile no luxuoso solar dos Rumford afim de festejar a chegada e a formatura de Tom, o velho general Rumford participa, em plena sala, o noivado official de seu filho com sua sobrinha Elvira. De cima, do alto das escadas, a pequenina Lucy espia, a medo, aquella festa deslumbrante a que ainda não podia assistir. Elvira está radiante e cercadissima. O noivo, mesmo, é quem menos dansa com ella. Lucy faz um signal a Tom, do alto da escada. Viesse conversar um pouquinho com ella, estava tão só! O rapaz não podia impedir que no seu espirito se estabelecessem certas comparações entre as duas jovens, comparações, estas, favoraveis á mais moça... Mas a sua noiva era Elvira e Lucy ainda era tão creança!... No dia seguinte ao do baile, o major Patterson se apresenta em casa dos Rumford, sempre acompanhado do seu impessoal irmão, e dirigindo-se, em particular, ao general, declara: — Realisei hontem o acto louvavel a que me referi em minha ultima visita aqui. Acabo de matar Will Jones, irmão do homem que mais detestei. Agora estou resgatado, sou um homem digno e tenho a honra de solicitar a mão de vossa sobrinha Elvira.

A situação era embaraçosa. Mas um froufrou de sêdas machucadas se fazia ouvir, e Elvira entrava, radiosa, na sala. O general,

(*Termina no fim do numero*)

Romance

Griffith Sigro

COINCIDENCIAS. GRIFFITH NAO DA' AZAR. E' UM DIRECTOR CLASSICO.
FOI ELLE QUEM FEZ "A RUA DOS SONHOS"... "LYRIO PARTIDO"...

Quando um astro da téla, ao se deitar á noite, põe-se de joelhos para fazer as suas orações, a prece que lhe sae dos labios é: Permitti, Senhor, que eu faça um film com Griffith. Amen." Desde "THE BIRTH OF A NATION" essa prece tem sido mandada ao céo.

Todos os actores acreditavam firmemente que David Wark Griffith, O Grande Griffith, O Mestre dos Directores tiraria delles o mais possivel, mais do que qualquer outro director seria capaz de conseguir. E isso era e é verdade.

Favoritas populares da téla ha que se têm offerecido para trabalhar gratuitamente nos films de Griffith, usando apenas as vantagens de receberem os seus ensinamentos. Os artistas de Griffith eram as creaturas mais invejadas do Cinema. Era facto de muita significação ser apontado como "descoberta" de Griffith. Era quasi uma garantia de successo. Figurar num film de Griffith era uma gloria. Artistas que apenas desempenharam papeis de extra em "INTOLERANCIA" se jactavam de ser "descobertas" de Griffith. Griffith era um homem magico, que possuia o dom rarissimo de revelar a alma dos seus collaboradores.

Ainda hoje quando elle cogita de constituir o elenco para um dos seus raros films, Hollywood fica suspensa á espera da sua decisão. Ainda hoje é frequente ouvir-se: "Oh! si esse fosse dado fazer ao menos um film com Griffith!"

Mas ha um outro capitulo da historia. Terá mesmo tido grande significação essa coisa de fazer um film com Griffith? E a estrada de infortunios que tem sido trilhada por tantos dos seus artistas?

Os dias aureos de Griffith tiveram a sua aurora ha pouco mais de uma decada. Os seus films eram os maiores e os seus artistas os mais famosos. E, entretanto, onde está a maioria destes?

O proprio Griffith perdeu, pelo menos durante certo tempo, a "leadership", abandonado pela voluvel fantazia do publico. E' possivel que elle arme um retorno victorioso com a sua futura producção "ABRAHAM LINCOLN". Será um thema idyllico, genero que o publico entende melhor. E' o drama de uma grande e nobre figura, que sempre lhe interessou e que elle levou annos a estudar. E o mais importante de tudo é que com esse trablho elle volta á sua immortal obra prima — "THE BRITH OF A NATION".

Em dez annos as bravas e esplendidas fileiras dos artistas de Griffith se rarefizeram. Alguns morreram, tiveram a alma estrangulada pelas tragedias da vida. Poucas das invejadas "descobertas" gosam de situações triumphantes na téla de hoje.

Depois de adestrado pela technica de Griffith era em geral difficil a um artista acostumar-se aos methodos de outro director. Os seus artistas não perdiam a opportunidade de explicar facilmente a outros capitães do megaphone que Griffitr "não faria assim."

A ciumada profissional nunca foi uma qualidade desconhecida em Hollywood. Em regra ella constituia uma mancha dos artistas. Quanto aos directores, não lhes aprazia vereficar que Griffith obtinha dos artistas resultados que nenhum outro conseguia.

Indubitavelmente a technica de Griffith era differente. As suas heroinas eram raparigas delicadas, esvoaçantes, frageis e virtuosas. Os seus heroes eram nobres puros e de ares poeticos. Os outros directores não queriam saber de meninas vaporosas nem de homens demaziado poeticos. E de ordinario, infelizmente para os artistas, a marca, o sexo de Griffith era indelevel.

Nessa época a industria adolescente do

BOB HARRON ERA MEIO PAUSINHO, MAS UM BOM ARTISTA. TRABALHAVA COM GRIFFITH, MORREU...

GEORGE SIEGMAN TAMBEM MORREU. SERIA O SIGNO DE GRIFFITH?

do INFORTUNIO

CLARINE SEYMOUR ERA LINDA, INTERESSANTE. MORREU QUANDO COMEÇAVA A BRILHAR...

CAROL DEMPSTER SO' TRABALHA COM GRIFFITH.

Cinema fez a descoberta do sexo. Foi realmente Elionor Glyn quem revelou os segredos da natureza humana? Em todo caso, a opinião geral era que os artistas de Griffith não possuiam o "sex appeal".

Todavia, o pessoal de Griffith teve um periodo de grande nomeada, seguindo-se, depois, como sempre acontece, o declinio do sol do successo. Talvez fosse melhor assim. E' mais grato uma breve estação nos altos planos do que umas de permanencia em nivel mais prosaico. A "gettatura" esteve sempre occulta nalgum cantinho dos studios de Griffith, fossem elles onde fossem. Ella acompanhava o grande magico como os seus artistas.

A morte cortou cerce as carreiras de Wallace Reid, Clarine Saynour, Robert Harron, Charles Emmett Mack, Gladys Brockwell, Fred Turner e Porter Strong.

A tragedia tem marchado nas pegadas de Mae Marsh, Blanche Sweet, Carol Dempster, Eric Von Strohein, George Walsh, Mildred Harris, Henry B. Walthall, Mirian Cooper, Dorothy Gish e Winifred Westover, Lillian Gish e Richard Barthelmess tem sido mais bem succedidas, mas o seu successo não se tem feito sem contrariedades nem dissabores.

Dos que tomaram parte no maravilhoso "THE BIRTH OF A NATIVA" não são muitos os que ainda hoje figuram na téla. Nem tão pouco nesta é grande o numero dos que collaboraram em "INTOLERANCIA", "CORAÇÕES DO MUNDO" e "HORIZONTE SOMBRIO" Wal-

(Termina no fim do numero)

Olive Borden a procura de sua ALMA...

UMA resplendente limousine franceza parára em frente ao Studio da Fox. O porteiro. num gesto automatico, endireitava a gravata. Ao mesmo tempo, um "footman", impertigado na sua libré, saltava prestes da almofada ao lado do "chauffeur", abria a portinhola reluzente do auto e ficava em attitude respeitosa.

Lá de dentro saltava uma criadinha franceza, trazendo uma enorme **houpette** de pós de arroz. Só se sabia que ella era uma creada, mal lhe tocava no braço. Immediatamente, após, surgia uma mulher, de ar intelligente, correcta, mas simplesmente vestida, sobraçando um pesado livro de contas e uma infinidade de cartas. O "footman" não se movia.

Em seguida, vinha uma mulher de meia edade, bem vestida. O "footman" ajudava a apeiar, mas não tocava no boné.

E todos ficaram ali, perfilados. emquanto, com muitas curvaturas toques do boné, por parte do "foot man", a senhora de toda aquella "entaurage" elaborada descia, ou, antes, era deposta solicitamente no chão.

Não era ella uma princeza visi tante, nem tão pouco a esposa do mais importante director da empresa. Mas poderia ser uma combinação de ambos, tanta era a elegancia do seu trajar e porte.

Embora vestida com tanta pompa, de sedas e velludos, a importante personagem era uma rapariga na flor dos annos.

E á medida que ella atravessava os humbraes, ajudantes de director, jardineiros e o pessoal extra, descubriam-se, respeitosos e dobravam-se até o meio. Todos suspiravam de allivio.

Olive Borden chegára!

Ha coisa de dois ou tres annos passados, a Fox Film Corporation dava a Olive Borden 2.000 dollares e um negligé de rendas preto, dizendo-lhe que se fizesse grande dama. O dinheiro lhe era pago regularmente todas as semanas.

Para cada film que ella fazia, creavam-se toilettes seductoras. Era uma situação considerada permanente.

Tudo isso surgiu muito de subito e terminou desastrosamente.

Olive tomou sobre si a responsabilidade de ser francamente grande dama. Dois mil dollares por semana são mais que sufficientes para elevar qualquer creatura, por mais jo ven que seja, ás alturas do supremo chic. E além disso havia as ordens dos poderes competentes.

Ser grande dama, segundo os moldes do antigo Cinema, consistia em desenvolver os musculos trazeiros do pescoço, que elevam o nariz a um angulo de 45 gráos. A creatura devia evitar tambem intimidades com os electricistas e os "prop boys".

Aquellas que se dignavam falar ao pessoal eram conhecidas como "good scouts", e nunca como "ladies".

Era preciso todo um trabalho de reajustamento para se adoptar a tal situação.

Olive dedicou-se á tarefa de fazer-se uma "lady". O seu primeiro acto foi crear o seu fundo de quadro. Como ella já dispunha do accento meridional, accento natural, não lhe foi difficil tornar-se logo a descendente de uma velha familia da Virginia.

Em seguida, ella installou. com requintes. uma vivenda em Beverly Hills, povoando de seis ou oito creados, dando ordens espantosas aos seus inferiores em hierarchia social.

A's vezes, Olive esquecia-se do seu papel.

Um dia dirigiu a palavra a uma penteadeira. No dia seguinte teve de fazer um exame de consciencia para recordar tudo quanto lhe haviam ensinado.

As creadas carregavam-na do seu camarim ao "set", e emquanto trabalhava, achava-se sempre rodeada por um grupo de satelites que teciam lôas aos seus encantos e graças.

Quando os jornalistas iam intrevistal-a, Olive tinha movimentos de hombros — hombros de alabastro, gestos de "lady", para falar dos seus deveres com relação ao publico.

Olive era muito creança para conhecer-se a si mesma. Ella era grande dama por dois motivos: em primeiro logar, recebera instrucções para ser assim, em segundo, o seu ar superior e altivo era o que os psychologos denominam o "mecanismo de defesa".

Com todo o seu dinheiro e toda aquella grandeza, Olive era tão timida como um boxeur num salão. A sua timidez traduzia-se em maneiras altivas.

A verdade da historia é que Olive se sentia atemorizada. Faltava-lhe a coragem para sustentar a "pose" que lhe era imposta.

Ella sentia vagamente que não era feliz. Sabia que os seus films não prestavam. O "mecanismo de defesa" esboroava-se quando ella via um dos seus novos trabalhos, e cada vez que ella deixava a camara de projecção a grande dama dos films, chorava lagrimas de menina desapontada.

A companhia offereceu-lhe um contracto de quarenta semanas. Ella já tivera um primeiro de cincoenta e duas.

Mas vieram complicações, os advogados entraram em scena. Olive foi deixada de fóra. Não foi consultada. Até que um dia ella se encontrou no mais recondito do gabinete de um dos directores da empresa. Encontrava-se absolutamente só e decidida.

Ao cabo de uma hora e um quarto ella havia nascido de novo. Pela primeira vez na vida tomára uma decisão por si mesma.

Desfez-se dos 2.000 dollares, da negligée e da grandeza.

Ao deixar o Studio declarou que estava farta de Cinema para sempre.

Olive ainda ahi se mostrava orgulhosa.

(Termina no fim do numero)

MARION NIXON
CINEARTE

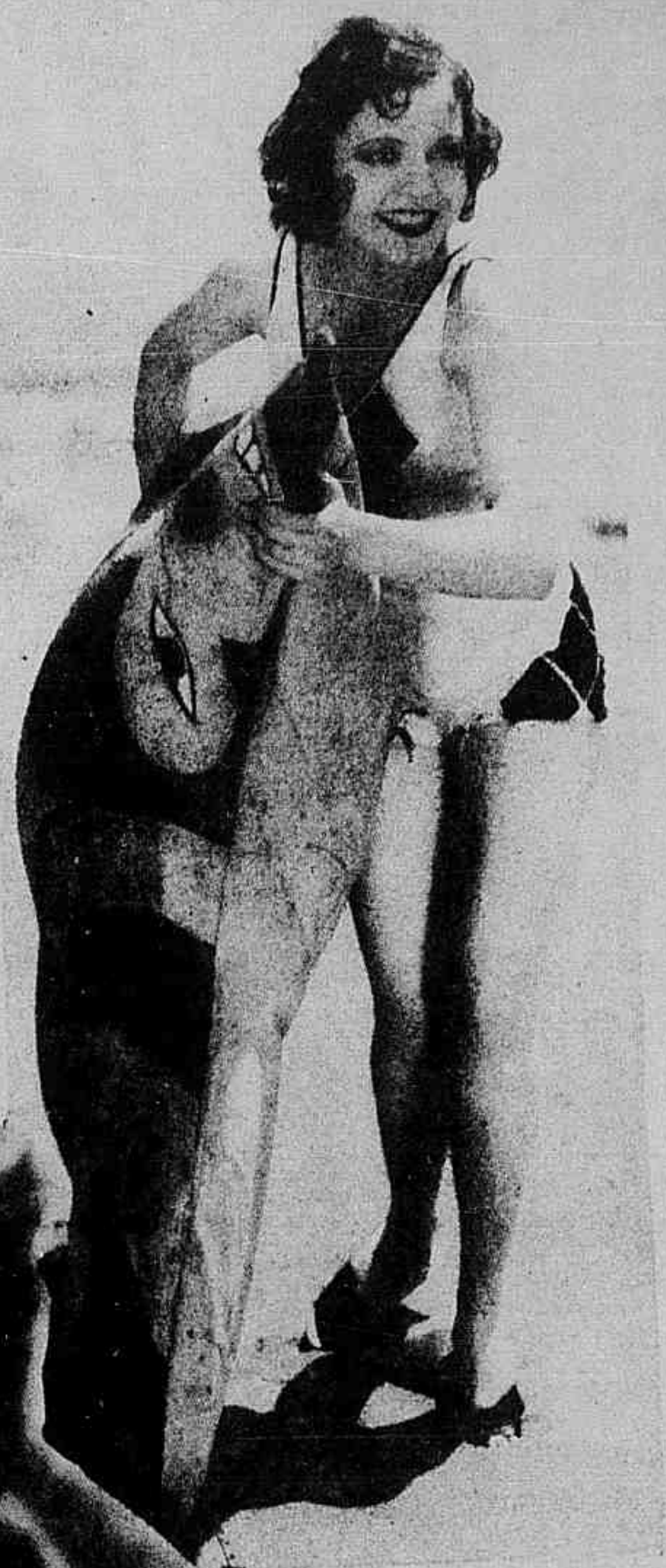
LILA LEE
cinearte

CLARA
BOW

Cinearte

LANE
CHANDLER
cinearte

"CINEARTE" LA' PARA MARÇO OU ABRIL TERA' UMA NOVA PHASE...

Nancy Carrol

NANCY E' REALMENTE O ANJO PECCADOR...

L. S. MARINHO, REPRESENTANTE DE "CINEARTE" EM HOLLYWOOD, AO LADO DE MENJOU

Sua ultima entrevista em Hollywood...

Num dia desses muito quentes, eu não me sentia com coragem de fazer cousa alguma. Só pensava nas aguas da praia de Malibu é privativa dos artistas de Cinema. Sonhava assim com a Norma ou a Marion Davies e cheguei a ouvir a voz de uma dellas pelo telephone: Marinho, vem passar o dia aqui na minha casa da praia. Temos aqui bons "refrescos". Mas qual, era visão! Resolvi sahir, mas logo de sahida cruzei com a Alice White! Depois era Greta Garbo que passava no seu velho "Ford" para ninguem a conhecer. Fui andando até o Studio da Paramount para ver se encontrava uma dessas novas estrellas de sorvete do Cinema Falado mas logo na porta tive que comprimentar a Clara Bow. Aliás ella me falou qualquer cousa sobre "Cinearte" que não entendi. Não perguntei o que era porque estava muito calor e Clara Bow é uma dessas pequenas que um dia ainda me fará eu representar num film falado, sosinho, sem "camera".

Depois tive que aguentar com uma porção de gracinhas de Jack Oaki. Já se sabe apertou me a nuca, deu-me tres soccos na barriga etc. Gracinhas. Naquella hora eu queria ser assim o Elmo Lincoln para achatar logo o seu nariz, mas tive que sorrir tal qual Stan Laurel.

Um camarada que estava com elle disse que eu devia estar muito satisfeito com o calor porque estava fazendo lembrar a minha terra. Essa gente pensa que o Brasil é um desses paizes em que se vêm nos clubs estrangeiros, unicos predios do lugar, americanos de palm-beach a tomar refrescos com galhos de arvore dentro do copo e uns dous pretos com abanadores. Disse que não. Que o Brasil era tão frio que os Cinemas não usavam ventiladores. Tinham varias lareiras na sala de projecção. Depois me perguntou se no Brasil havia bondes. Disse que sim. Alguns, vendidos pelos americanos. Foi Kay Francis que veio salvar-me e foi andando a conversar até ao studio photographico do studio. Lá estava Adolphe Menjou que aliás não conhecia pessoalmente. Fui apresentado. Lembrei-me de que elle ia partir breve para a Europa e eu bem poderia fazer a sua ultima entrevista em Hollywood. Mas não sei se era o calor, tive uma pequena decepção com o Menjou.

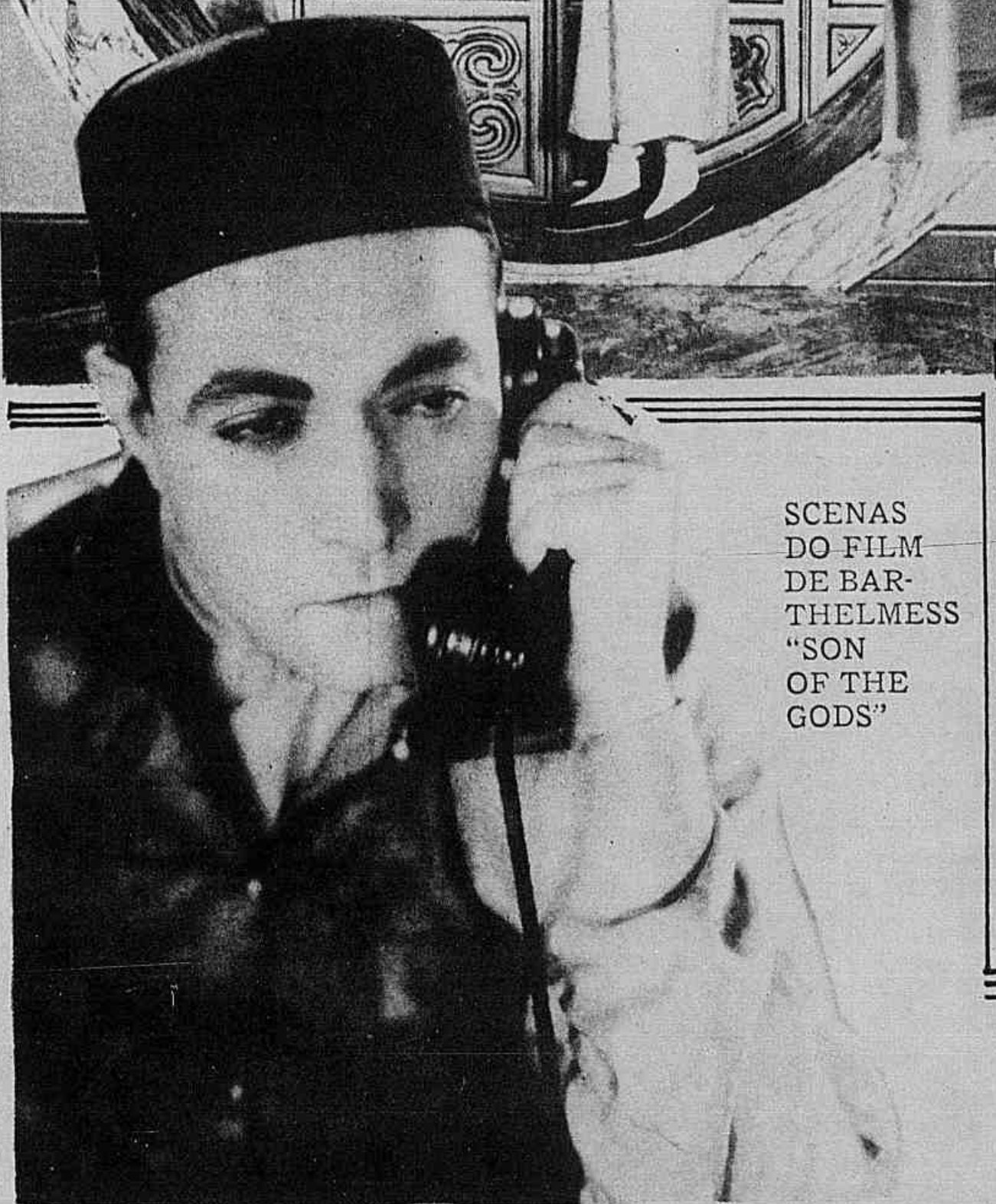
Suas maneiras de tratar, seu modo de falar, de andar mesmo, puzeram um enorme ponto de interrogação em minha mente....

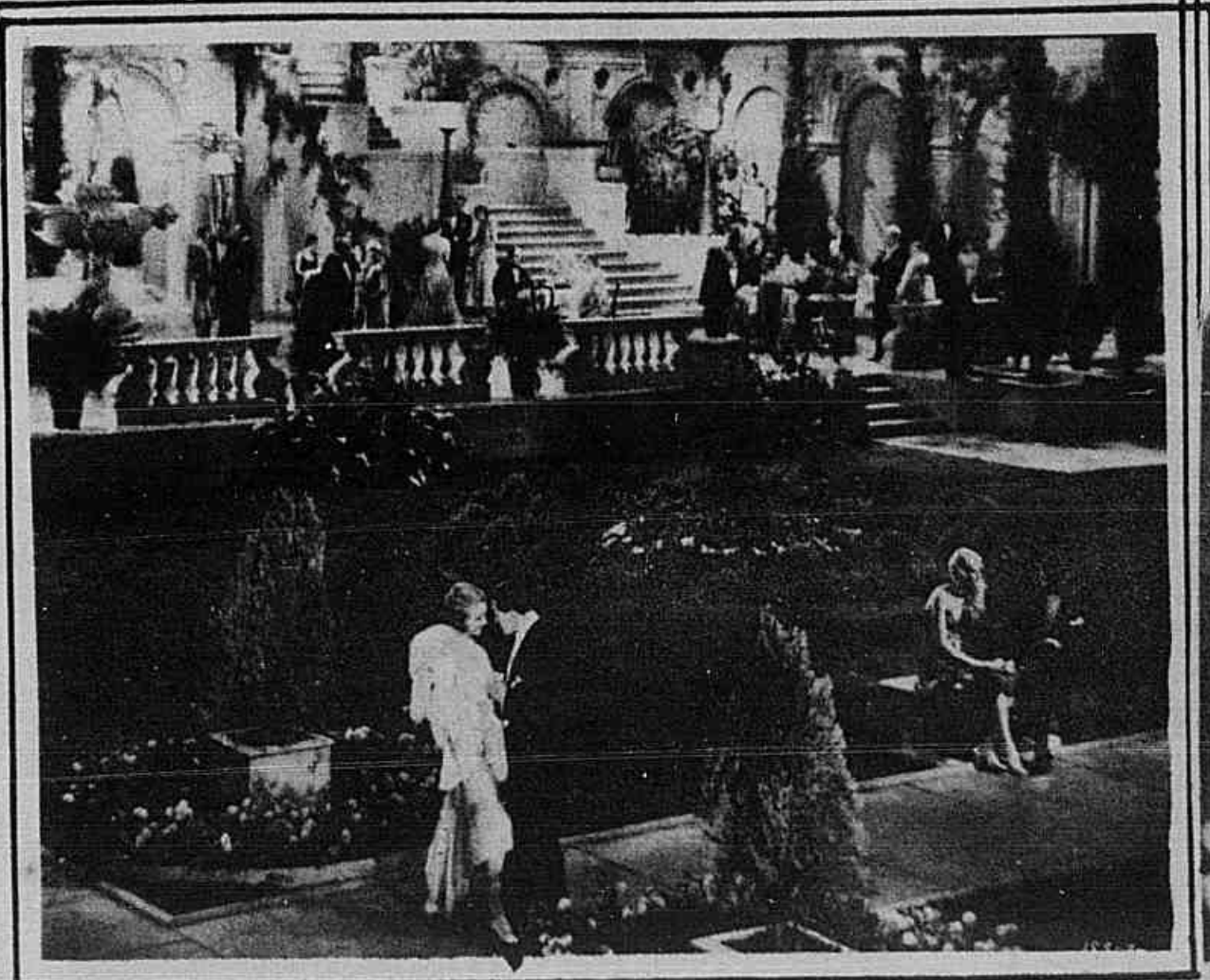
E' bastante differente da téla. Muito delicado, attencioso mas não é lá muito sympathico. A nossa palestra foi aos pulos, aos pedacinhos. A todo momento, eramos interrompidos. E o assumpto pouco sahiu da temperatura.

"Que calor faz hoje"! "Estou cansado"! "Sim", "Não" etc. Evidentemente, Menjou tambem estava de máu humor. O calor lembrava aquelle film de Shertzinger, "Cartas na mesa".

Eu tinha um numero de "Cinearte" na mão. Entreguei-lhe. — "Oh, muito grato. Brasil, hein". E correu para mostrar a sua linda esposa Katherine Calver que estava mais adiante e aquem elle não me apresentou.

— "Vou a Europa. Antes de volver aos

(Termina no fim do numero).

SCENAS DO FILM DE BARTHELMESS "SON OF THE GODS"

Richard e Constance Bennett.

Olympio Guilherme encontrou o Papae Noel de Hollywood

(OLYMPIO GUILHERME Escreveu especialmente para "CINEARTE").

A neblina da madrugada havia baixado densamente. A estrada macadamisada e preta parecia correr debaixo do automovel. O zumbido monotono do motor tinha um não sei que de sinistro. Era a sexta vez que eu fazia a viagem de volta de São Francisco, pelo caminho da costa. Quinhentas milhas. Quinhentas milhas de cimento negro, uniforme, com manchas verdes de oleo. E planas, absolutamente planas, como um bilhar. A natureza estupida, nua, pelada de arvores, sem o relevo de um monte, sem a graça de um outeiro. De dia um sol tropical. A' noite — a neblina, mais classica do que a de Londres porque é a de São Francisco Uma neblina exquisita, parecida com chuvisco, compacta e gelida, de arrepiar.

Ha seis horas que eu viajava. Sahira de São Francisco ás oito e meia da noite, depois do jantar Sósinho, com um monte de pelles á volta do pescoço, o carro cerrado e as quinhentas milhas de cimento negro, com neblina — a viagem era um tormento. Os olhos fixos no caminho escorregadiço, a tensão nervosa do perigo eminente, o frio cortante da madrugada — nada disfarçava a monotonia revoltante do motor acompahando o zaczac automatico do para-brisa. Vinha o somno, um torpor immenso, de mistura com historias phantasticas das florestas negras da Bavaria ou das "carreteras" mysteriosas da Hespanha, com aventuras de sonho de chloroformio.

Subitamente, n'uma curva viva do caminho um vulto negro cruzou a estrada a dois passos do carro. Parecia um suicidio. Parei o automovel immediatamente estarrecido. Estaria vivo aquelle louco?

Estava vivo. E ria, embuçado n um "cavour" de cocheiro, de pregas immensas. Tinha um som cavo e extranho, o sujeito.

— "Listen, what's the big idea? Looking for a pain in the neck?" O outro não respondeu com palavras. Deu outra gargalhada, profunda e gostosa, lá de dentro das dobras do abrigo. Quando chegou perto de mim percebi que era um vagabundo ambulante, um "tramp", já velho e alquebrado, molhado e transido de frio. Quando arredou a manta do rosto surgiu uma cara sympathica, coberta completamente por uma barba branca de neve. Sorria ainda, mostrando todos os dentes da bocca. Disse que eu era uma bom chauffeur. Sinão teria feito alguma asneira. Depois disse que não seria asneira totalmente porque afinal de contas matar um pobre diabo como elle não seria mal de todo. Matava um velho.

Alli estava um grande companheiro para a viagem. Metti-o no carro. Dei-lhe um cigarro. Abri o aquecedor para obrigal-o melhor.

A principio não falou. Fumou em silencio, pausadamente, observando-me de soslaio. Era uma figura extremamente sympathica. Sessenta e tantos annos. Completamente branco. Os olhos muito azues e a face côr de rosa, de boneca de celluloide. A capa de cocheiro estava em pedaços. Fôra preta. Estava esverdeada. Era elasticotine. Estava alpaca. Uma miseria esfarrapada.

Quando falou foi para mostrar o seu reconhecimento. Disse que era um grande favor que eu lhe fazia, auxiliando a sua viagem. Já estava fatigado e não podia dormir por causa do frio. Era um grande favor. Contou que sahira de S. Francisco com destino a Los Angeles na vespera, pela madrugada. Entrou em detalhes, instigado pelas minhas perguntas. Vivêra comendo figos. Figos e peras — porque as quintas de maçãs não ladeavam a estrada. Mas elle não fazia conta.

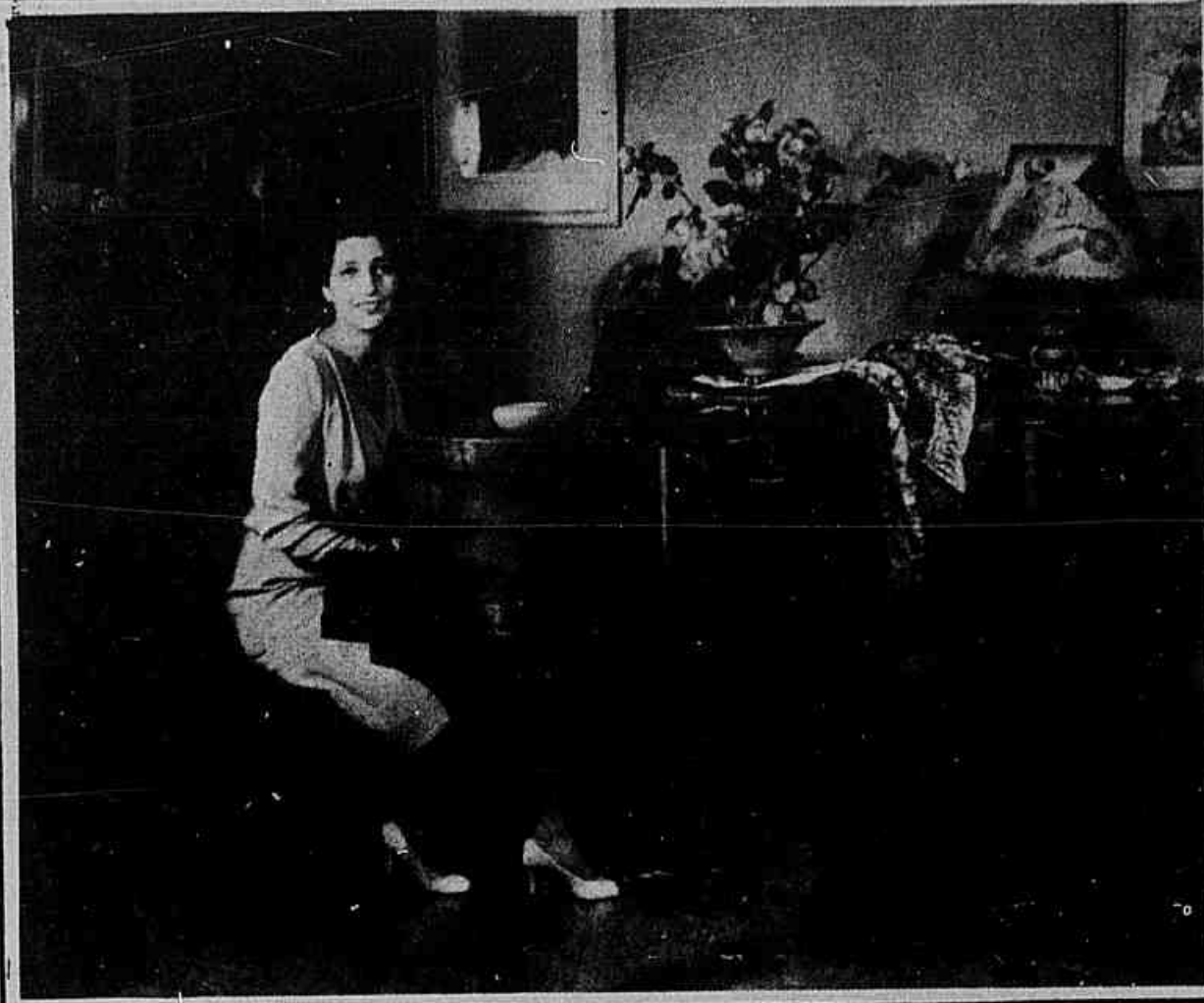
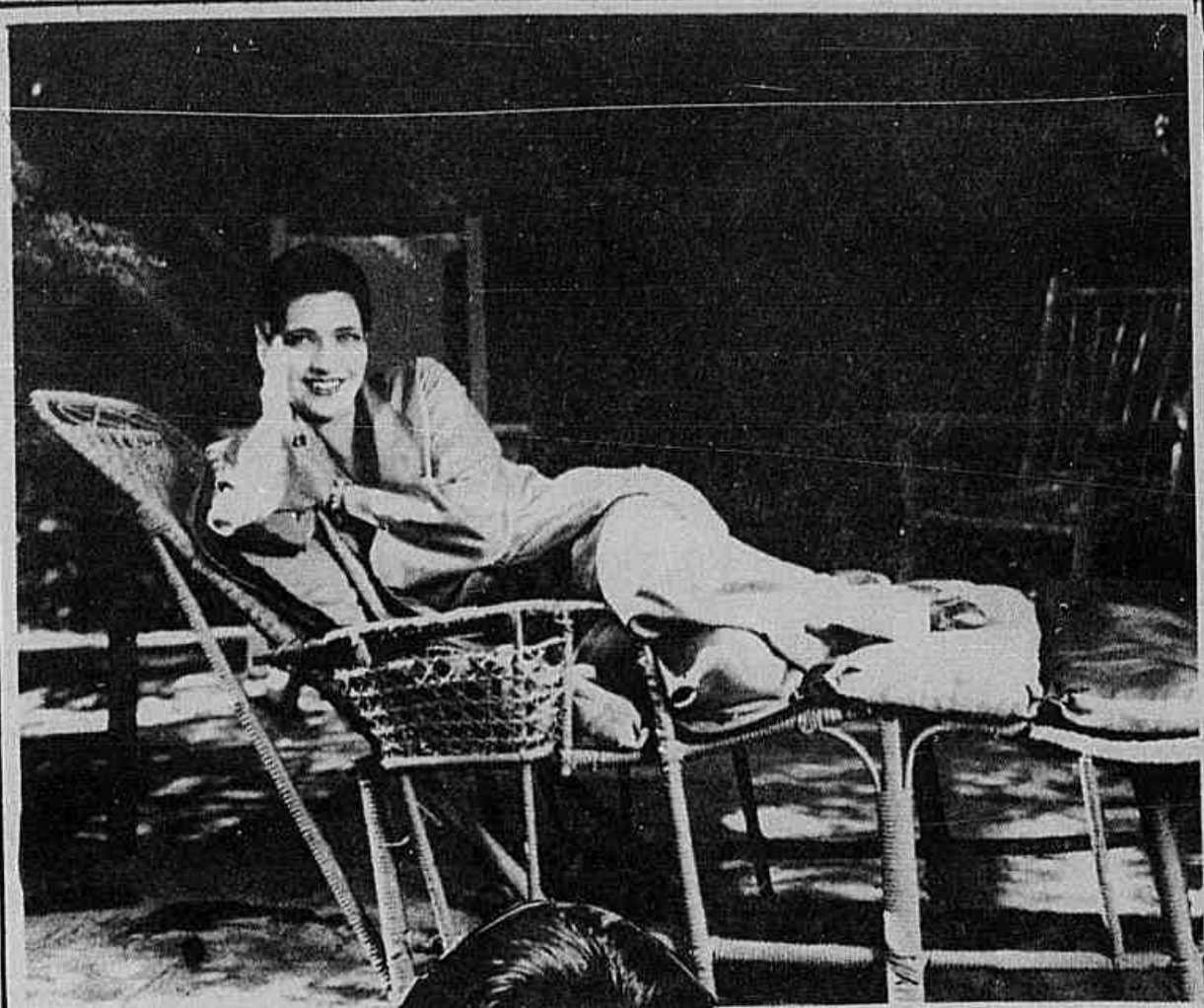
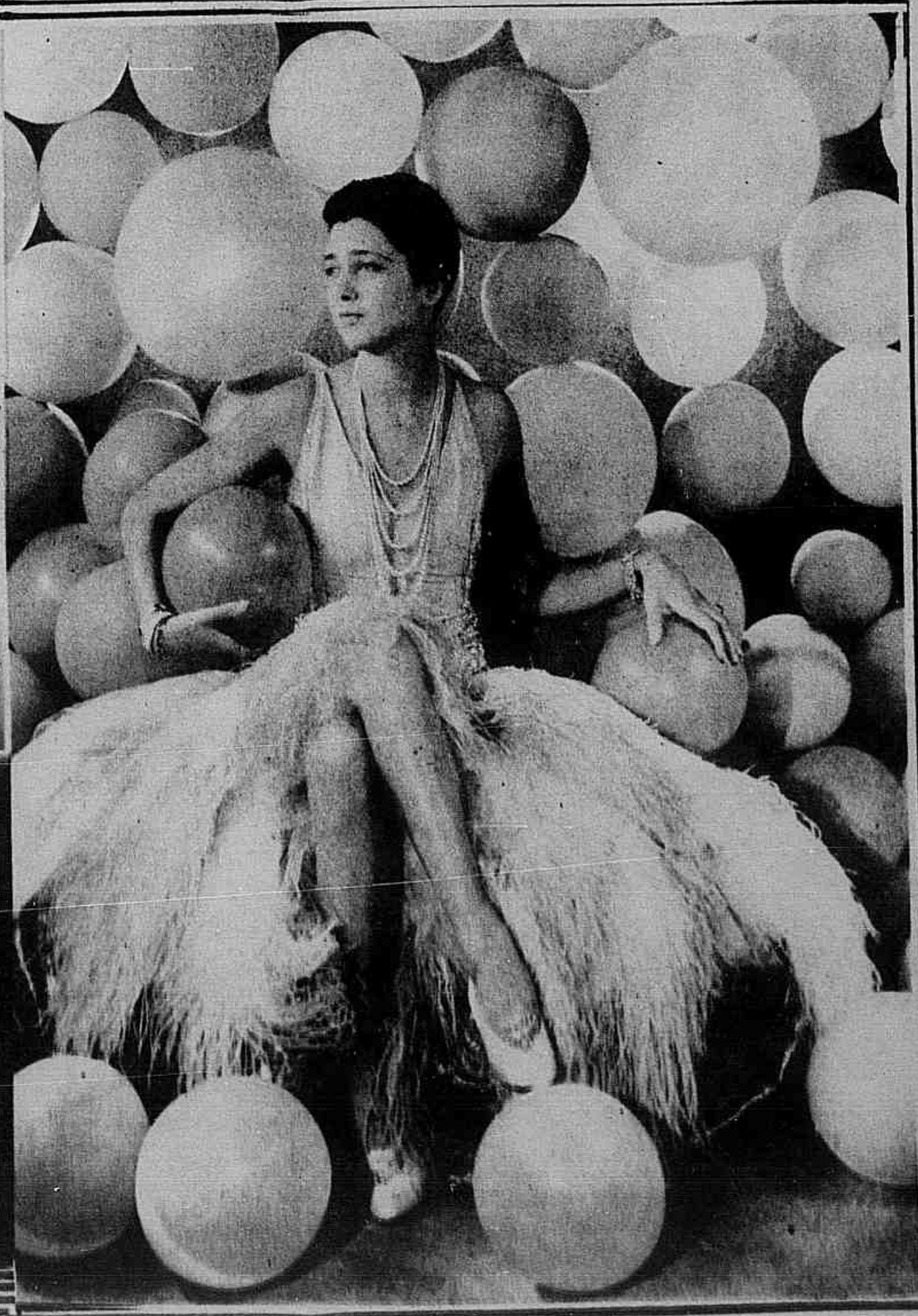
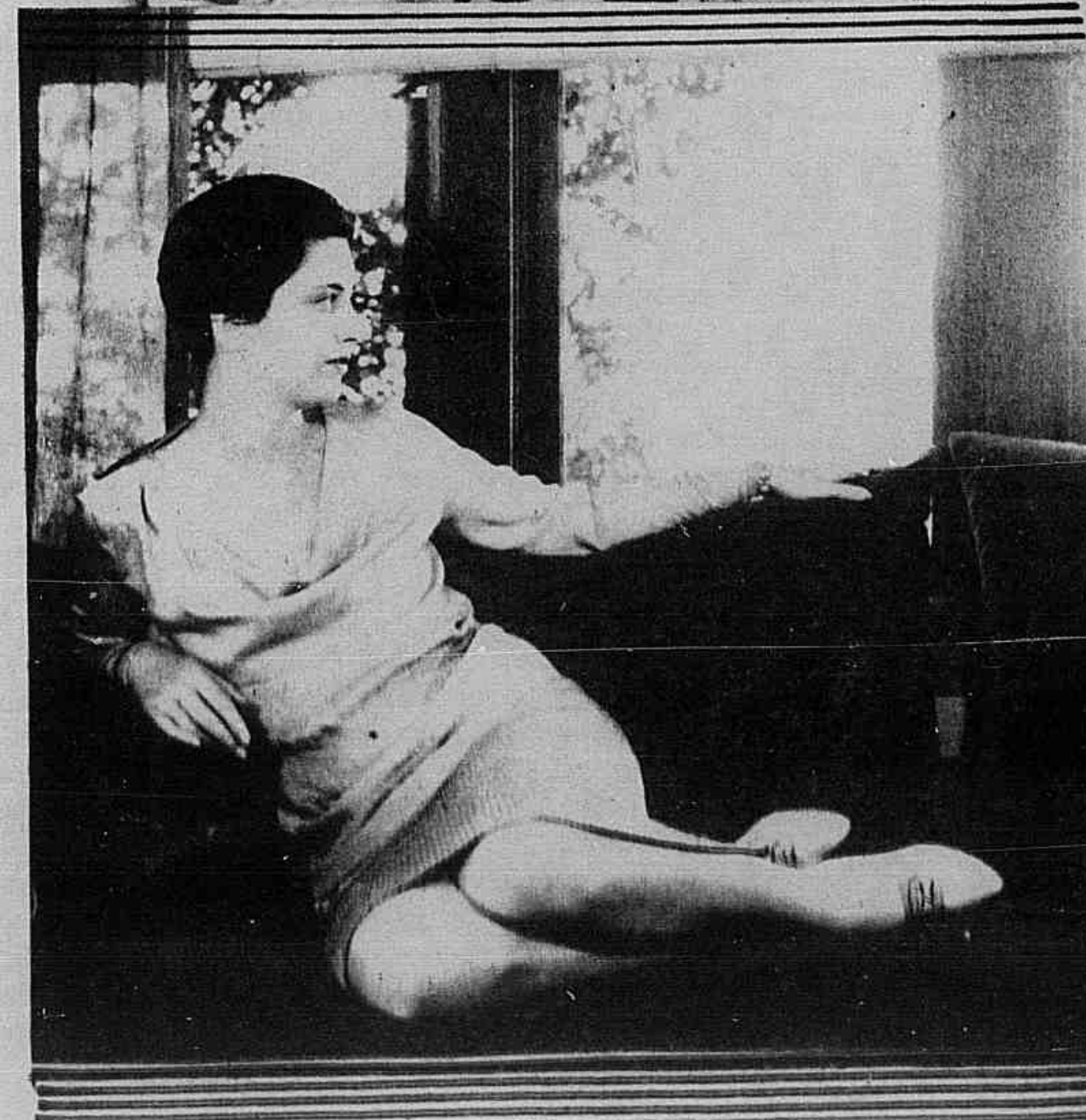
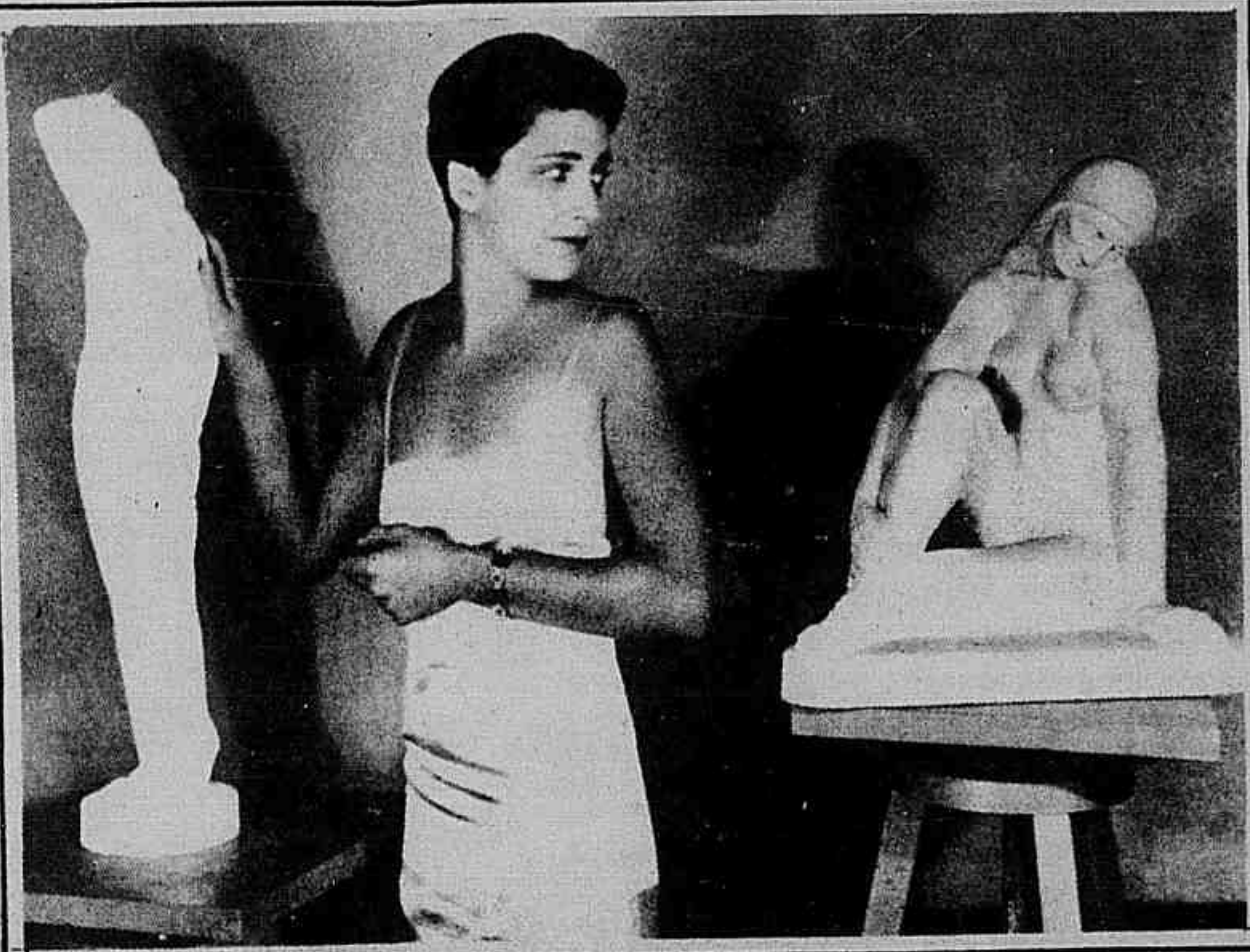
Comia figos. Trazia o bolso cheio. Dormir dormia em qualquer parte onde houvesse mantas ou saccos velhos. Gostava de caminhar á noite porque cançava menos. Mas o diabo daquella neblina! Felizmente não tinha rheumatismo — porque si tivesse, adeus! Que eu não pensasse que elle não era velho. Era velho, sim, e mais velho do que eu poderia adivinhar.

Então contou a longa historia da sua vida ambulante. Estivéra no Alaska em 72. Mas a sorte fôra arisca. Correu mundo. Esteve no Canadá, na lida das florestas. Depois em Chicago, em Philadelphia. Em toda a parte. Mas sempre sem sorte. Veio para o oeste. De déo em déo Sem familia e sem nada. Vivêra muito tempo vendendo lapis. Mas o negocio ficou monopolisado pelos cegos e elle não queria competir. Não queria competir.

Depois de oitenta milhas terminou a historia. A madrugada vinha rompendo no horizonte. E ao passo que o negrume da noite desapparecia, uma nevoa mais densa de neblina pairava no ar immovel.

O meu velho companheiro fumava uma ponta de charuto. Tinha no indicador o anel dourado de papel. Como uma criança.

Mais adeante quiz saber o que eu fazia. Disse-lhe que era actor de Cinema. O homem ficou suspenso. Seu collega! Sim, senhor, seu collega! Elle tambem representava. Não era propriamente no Cinema, nem no theatro, mas representava. Fez uma pausa solemne, passou a mão do anel pela longa barba branca e explicou:

(Termina no fim do numero).

KAY FRANCIS, A NOVA "VAMPIRO" DA PARAMOUNT... "VAMPIRO" DO CINEMA FALADO...

NOIVA AMANTE OU ESPOSA?

(LEONTINES EHEMAENNER)

Leontine . . . . Claire Rommer
François Dubois . . . . Georg Alexander
Marqueza de Versac . . . . . Adelé Sandrock
O joven marquez . . . . . . O. W. Meyer
Sua irmã . . . . Tranus Van Alten
Professor Grimard . . . . . . Oskar Sims.

A dansarina Leontine era uma mocinha encantadora de physionomia attrahente, mas infelizmente portadora de um temperamento ardorosissimo. François Dubois, ignorando a singularidade dos caprichos dessa pequena, deu lhe a mão de esposo mas, pouco tempo depois, viu-se obrigado de requerer divorcio.

Fazia um anno que elle se separara e conseguira a liberdade tão desejada, emquanto Leontina volvera a gozar a sua fama de bailarina, fascinando com os seus encantos o sexo dito forte.

Um dia, como acontecia ás vezes, estando em difficuldades financeiras, a esposa divorciada appareceu na residencia de Dubois que viu-se forçado de acceitar de novo a companhia de sua antiga mulher. Sua paz acabou-se. Seu amigo, o deputado Plantin, tira-o dessa situação embaraçosa, arranjando-lhe o posto de prefeito na provincia e, desta forma, Dubois conseguiu libertar-se novamente da irriquieta bailarina.

O joven marquez de Versac, em companhia de seu amigo professor Grimard, vindo da provincia para visitar a exposição agricola em Paris, consagra-se de preferencia ao estudo das lindas parisiense. Vendo Leontine e ficando tão encantado pela sua belleza, procura por todos os meios travar conhecimento com a endiabrada creatura, que, á frente do elegante titular, mostra-se reservada e arrogante como uma grande dama. Sabendo por Grimard, que Versac é um homem de fortuna, ella acceita a sua côrte e torna-se sua esposa.

Não sem um receio occulto, o marquez conduz Leontine ao castello de sua familia, onde uma tia senhoral e orgulhosa mantem o regimen da casa com idéas ante-diluvianas. Como será acolhida a joven esposa? Leontine, porém, sabe como dirigir a batalha contra a temivel megéra.

Para agradar á velha tia, veste-se á moda antiga e mostra-se tão distincta e timida, que consegue em pouco tempo grangear a approvação da velha e severa marqueza. Por quanto tempo, comtudo, a ex-bailarina terá que supportar esta vida melancolica no castello?

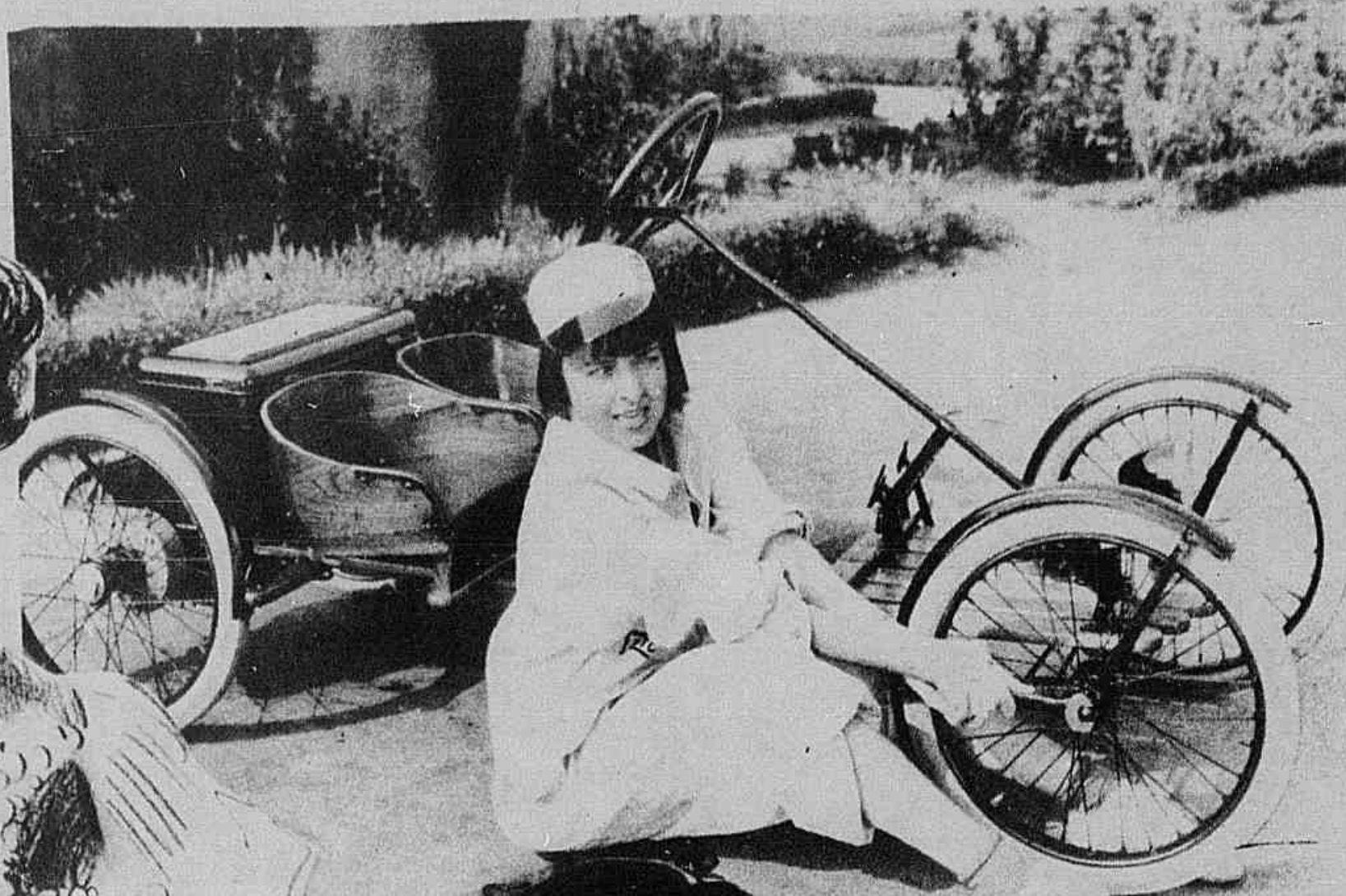
Entre a joven irmã do marquez e Dubois, prefeito do districto, haviam começado delicadas ligações, mas nuvens negras ameaçavam a felicidade amorosa dos jovens, porque a rabugenta tia nunca daria consentimento para o casamento de sua sobrinha com um homem que não fosse nobre.

Toda a esperança da pequena apaixonada dirigia-se a Leontine, sua cunhada, a unica pessoa que sabe manobrar a velha.

A nobre familia, um dia, acceita um convite dos camponezes para assistir uma festa religiosa. Acanhadamente, Leontina senta-se entre sua tia e seu esposo, para apreciar a dansa dos camponezes. Vencida pelo aborrecimento, tenta approximar-se de Grimard, para flirtar um pouco mas o velho professor não comprehende a attitude da pequena. Entretanto, apparece um camponez que a tira para dansar.

Leontine acceita a offerta e, risonhamente, entrega-se nos braços fortes do rapaz. Mas pouco tardou que ella se sentisse empolgada pelo seu temperamento.

Esquecidas ficam a sua dignidade e a sua reserva de comportamento, emocionada pela musica, Leontine volta a ser a dansarina parisiense.

(*Termina no fim do numero*)

CHI!
EU GOSTO
DE COLLEEN
MOORE!

COLLEEN
E
CLOVE,
SEU IRMÃO.

COLLEEN
E SEU
MARIDO
JOHN
MAC CARMICK.

PARA O DIRECTOR: — Yvonne deve usar uma touca de renda, com uma fita cahindo pelas costas, corpinho apertado saias amplas, e pequeno avental. Jean deve usar camisa de malha, calças largas, e barrete de velludo. François deve usar trajes communs de caçador. Qualquer ramo de folhagem verde póde servir como o ramo nupcial.

TITULO: — O Ramo Nupcial.

TITULO: — Na Normandia, ao norte da França, ainda prevalece o costume de pendurar-se um ramo de oliveira, symbolo da castidade, na porta de todo lar, onde ha uma donzella em idade de se casar.

SCENA 1: — Varias mesas se acham na parte exterior de um café. Um placard com a palavra Café denota a qualidade do logar. Yvonne Le Brun, joven e linda filha da casa, abre a porta e apparece, trazendo uma bandeja na mão. Ella toma um ramo de oliveira, o qual dependura na porta, e olha para a rua, acima e abaixo, como quem procura alguem. Suspira, e abana negativamente a cabeça, desappontada.

SCENA 2: — Além de uma cerca, do outro lado do café, vê-se Jean Bois sahir de uma casa vizinha. Elle passa pela estreita passagem da cerca, ladeada de arbustos, conduzindo ternamente nas mãos uma gaiola de passarinho.

SCENA 3: — Jean approxima-se de Yvonne, a qual, desconsolada, se acha encostada á porta do Café. Elle descansa a gaiola no chão. Collocando as mãos nos hombros de Yvonne, olha-a firme nos olhos.

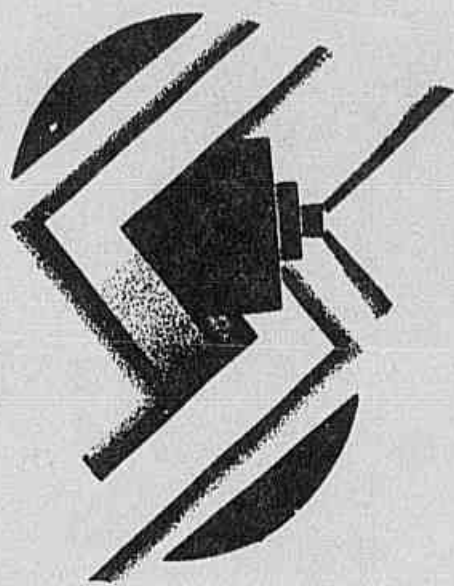
TITULO: — "Elle nunca mais escreveu. Porque imagina você que elle voltará?"

SCENA 4: — Jean procura tirar o ramo nupcial da porta. Yvonne impede-o. Discutem. Jean, resignado, retoma a gaiola que elle tinha trazido. Yvonne apresenta alegria.

SCENA 5: — Jean dirige-se para uma arvore, acompanhado de Yvonne.

SCENA 6: — Jean toma uma escada que está no chão, e colloca-a de encontro á arvore. Tira uma corda do bolso e amarra a ponta na gaiola. Jean sóbe pela escada acima e puxa a gaiola para si. Yvonne olhando para a rua, exclama:

TITULO: — "Ell-o! Elle voltou! Não vês, Jean? Eu sabia que elle havia de voltar!"

SCENA 7: — Um carro de turismo se acha parado junto á calçada do café e um moço elegante, vestido de caçador e trazendo rifle e bolsa a tiracóllo, desce delle. Senta-se numa mesa e examina o menu. Yvonne chega hesitante, bandeja na mão, e fala. Sem levantar a cabeça, François péde rispidamente:

"O RAMO NUPCIAL"

Origial de Grace R. Osborne, adaptada para os Amadores Brasileiros por SERGIO BARRETTO FILHO. 30 metros em film de 16 mm., 20 metros em film de 9 mm.

TITULO: — "Sólhas á la Boulogne".

SCENA 8: — Yvonne, curva-se sobre as costas de François, e então toma a palavra.

TITULO: — "François!"

SCENA 9: — François olha para Yvonne sem reconhecel-a. Levanta-se, e, então, um sorriso de recordação apparece na sua face.

TITULO: — "A minha pequena rosa da Normandia não me esqueceu, então? Sinto-me lisonjeado!"

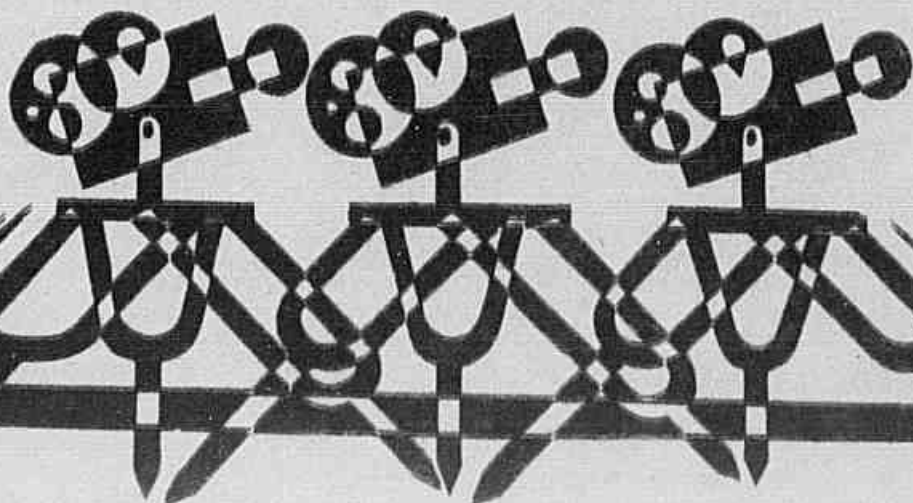
SCENA 10: — François curva-se e cumprimenta todo cerimonioso, ao passo que a face de Yvonne vae perdendo a impetuosidade. François olha casualmente para o céo e exclama:

TITULO: — "Por Deus! Um bando inteiro. Dois pelo menos eu pegarei. Olha!"

SCENA 11: — François arma o rifle, e dispara por tres vezes. Yvonne procura impedil-o, gritando.

SCENA 12: — Jean desce da arvore e anda alguns metros, em direcção a um monte de pennas, no chão, que denotam os passaros.

Yvonne corre em direcção a elle. Ambos lastimam a sorte dos passaros. Yvonne exclama:

TITULO: — "Dentro em pouco, não haverá mais passaros canóros em França":

SCENA 13: — Jean fecha os punhos, em signal de colera, e dirige-se para François.

SCENA 14: — François toma a bolsa e o rifle. Corre para o carro de turismo. E collocando-o em marcha, desapparece rapidamente ao longe.

SCENA 15: — Yvonne e Jean approximam-se da porta do café. Jean conduz Yvonne abraçada com o braço direito. Yvonne sorri-lhe e fala.

TITULO: — "Agora dou-te permissão de retirar o ramo nupcial".

SCENA 16: — Jean retira o ramo de oliveira que está pendurado na porta, joga-o fóra, e aperta Yvonne ao peito, beijando-a na bocca.

TITULO: Fim.

Lupe Velez desmentiu categoricamente os boatos que a davam como noiva de Gary Cooper.

O Cinema Paramount de Brooklyn exhibe com grande successo um film silencioso cada semana.

June Collyer chefiará o elenco de "Pleasants Sins" producção a ser iniciada muito brevemente no Stuio de De Forrest. Irvin Willat será o director.

Só numa semana a First National deu trabalho a 7800 "extras".

"Madame Colibri" producção franco-allemã, extrahida do livro de Henri Bataille do mesmo nome foi exhibida com grande successo em Berlim. O elenco inclue Maria Jacobini, Helene Hallier e Franz Lederer.

Glenn Tryon terá Helen Whight como heroina em "Paradise Ahoy" na Universal. Helen foi posta sob um longo contracto pela "U".

Logo que termine "Madame Satan" para o qual até agora só foram escolhidos Roland Young e Julia Faye, o director Cecil B. De Mille dirigirá tambem para a M. G. M. a versão cinematographica da opereta "Mlle. Modiste".

A antigamente famosa estrella Irene Castle hoje afastada da téla gosando as delicias da vida privada soffreu um accidente numa caçada a raposa caindo do seu cavallo e partindo um par de costelas.

Beatrice Lille que já uma vez tentou o Cinema num film da M. G. M. com nenhum successo vae teimar e approveitar a occasião agora que os films falados estão na moda.

"Slightly Scarlet" é o titulo do proximo film de Evelyn Brent para a Paramount. Howard Estabrook escreveu a continuidade.

COLLEEN MOORE

NO PROXIMO NUMERO "TEM" MAIS.

CLARA BOW

O Carnaval Vem ahi ! ...

ALICE WHITE

O QUE SE EXHIBE NO RIO

DOLORES COSTELLO QUASI FOI AFOGADA PELO DILUVIO DA "ARCA DE NOÉ"

ODEON

O CARNAVAL DE VENEZA — (Il Carnevale di Veneza) — Pittaluga — producção de 1928 — (Programma Serrador).

É uma desillusão para quem gosta, de facto, de Cinema, vêr um film de producção italiana. E' uma lastima! Elles nunca fizeram nada em pról do Cinema. Nunca! Nem mesmo quando a Arte do Silencio ensaiava os seus primeiros passos. Nunca o Cinema recebeu uma contribuição apreciavel do **berço das artes**. Ainda hoje, lá se tem a mesma idéa atrazada acerca da Arte Setima.

Elles, os italianos, ainda hoje ignoram tudo a respeito de Cinema. Não têm nem esboçado um senso cinematico. Consideram a Arte das Sombras um maggnifico campo de exploração de idéas literarias e theatraes, de idéas pertencentes a todas as artes, menos a incomparavel arte de Von Stroheim.

Elles não conhecem a significação da palavra Cinema. Não sabem o que é photogenia. Não sabem o que é scenario. Não sabem o que é dirigir em Cinema. Não sabem o que é representar deante da **camera**. Não sabem nem siquer photographar um **still**. E' profundamente lamentavel! E "O Carnaval de Veneza" é a prova insophismavel disto tudo.

A principiar pela historia, é detestavel. Não conheço mais nada com tão pouca photogenia do que o material que escolheram. E' uma complicação medonha, de uma duzia de finaes, centenas de situações e tantas personagens desnecessarias e antipathicas, que não sei como não arranjaram no fim um cataclysma para liquidar a metade.

Scenario? Que scenario! Ha muito tempo uma tela não se sentia tão offendida, neste particular, como a do Odeon, nos dias em que exhibiu esta **preciosidade**. Não se entende nada! Dá cada salto medonho! E' uma confusão tremenda! Não obedece ás mais elementares regras de construcção de scenario. Não tem nem siquer as **fusões** necessarias e os **escurecendo** e **esclarecendo** indispensaveis para a pontuação do film.

A direcção é simplesmente infame! Custa a crêr que exista um director com tão pouca cultura cinematica, como o tal de Mario Almirante. E' uma nullidade completa em materia de Cinema! E que interpretação horrivel! Os artistas só faltam falar para a objectiva e fazer signaes.

Maria Jacobini, uma respeitabilissima matrona que já devia estar ensaiando os primeiros passos como **titia**, é a heroina.

Por ahi vocês podem calcular o resto. E' uma pena Malcolm Todd ter consentido em trabalhar neste **portento**. Elle e Gosyanne que, ao menos tem o merito de ser uma bonita mulher.

Não percam tempo!

Cotação: 3 pontos. — P. V.

PATHÉ-PALACIO

VESPERA DE ANNO NOVO — New Year's Eve) — Fox — Producção de 1929.

A gente conhece logo quando um film é silencioso. A gente encontra logo meios de o distinguir de um **gritador mudo**. Percebe-se logo a verdadeira technica do verdadeiro Cinema. Entende-se logo toda a sua linguagem simples, natural e convincente. Vê-se logo que os artistas não representam os seus papeis. Nota-se immediatamente o trabalho do director. E olhem que este film não é grande coisa. E' silencioso. E' um film produzido com um senso cinematico presidindo a todas as suas phases. Mas feito por modestos conhecedores de Cinema. E' uma historia sentimental de amor, temperada com um pouco de melodrama. E' um **plot** crivado de situações conhecidas, mas muito bem armadas e mais bem realizadas. E' um assumpto quasi proprio para ser exhibido na época do Natal, como o foi... Tem as suas scenas fortes, impressionantes. Tem os seus momentos de sensação melodramatica e tambem uns laivos de romance e sentimentalismo.

Mary Astor faz a heroina com muita sympathia e sinceridade. Entretanto, o seu talento exige cousas maiores e melhores Que linda está, Mary!

Charles Morton é o seu namorado. Earle Foxe continúa incorrigivel no que diz respeito, a caretas. Não obstante, tem bôas scenas.

Arthur Stone tem uma esplendida caracterização. O seu é o melhor trabalho. Helen Ware, Florence Kake, Freddie Frederick, Jane La Verne e Virginia Vance tomam parte.

Henry Lehrman nunca foi um cineasta. Mas o seu trabalho, desta vez, é digno de nota. Mormente se se levar em conta que os antigamente grandes cineastas têm mettido os pés pelas mãos nos **talkies** que fazem...

Cotação: 6 pontos. — P. V.

IMPERIO

AMOR PERIGOSO — (A Dangerous Womann) — Paramount — Producção de 1929.

Está de volta o drama das selvas, com abundancia de atmosphera tropical.

Chuvas torrenciaes e constantes, ventos, raios, o calor mais causticante, a selva impenetravel, animaes ferozes, selvagens e as dansas sensuaes são os principaes agentes que dobram o caracter das personagens principaes.

Desta vez, porém, a mulher não é a heroina — é apenas a vampiro sensual, verdadeira serpente de volupia. E o seu esposo resolve **suicidal-a**. Mas uma serpente providencial salva-o dos artigos do Codigo Penal... Olga Baclanova é a mulher victima do calor dos tropicos. Olga é uma genuina furia amorosa. Clive Brook não está no seu verdadeiro logar. Neil Hamilton, Clyde Cook e Leslie Fenton são figuras sem alma. A mais desalmada, porém, é Olga Baclanova. O film tinha ~~voz~~. Tiraram-lh'a aqui. E inventaram cada letreiro! E' o typo do film mudo... Aliás, os films falados sem voz e que são os unicos films mudos que existem. Foi preciso apparecerem os **talkies**, para se avaliar a grandeza do silencio.

Cotação: 4 pontos. — P. V.

RIALTO

SEJA A AMANTE DE SEU PROPRIO MARIDO — Ufa — Producção de 1926 — (Programma Urania).

Um desses exquisitos films allemães, em que Conrad Veidt faz uma figura estranha absolutamente nova na sua psychologia entre os habitantes da terra. Conrad, mais uma vez, locomove-se como um anormal, faz as caretas que quer e representa como um leão. O film tem a pretenção de estudo matrimonial, mas não passa de uma narrativa comico-burlesca, de mais uma historia triangular. A cousa complica-se quando Conrad principia a experimentar as suas forças hypnoticas, a torto e a direito. Nem sei por que cargas d'agua apparecem umas scenas de Studio e nellas Emil Jannings a **bancar** o maior artista dramatico do systema planetario.

Lil Dagover, Georg Alexander e Lillian Hall Davies são as outras figuras. Lothar Mendes dirigiu.

Cotação: 4 pontos. — P. V.

ELDORADO

A ARCA DE NOÉ — (Noah's Ark) — Warner — Producção de 1928 — (Prog. Matarazzo).

Cecil B. De Mille não devia ter cedido á Warners o direito de filmar o "Diluvio". Pelo menos, agora, não teria o Cinema a lamentar tanto dinheiro gasto inutilmente em montagens e truques, assim como não veria a sua technica victoriosa e a sua grammatica tão vilmente assassinadas. De Mille, segundo elle proprio, annunciou comporia um romance amoroso para dentro delle encaixar uma visão do "Diluvio", segundo o seu cerebro e guiado pelas conhecidas illustrações de Doré.

Hoje, os **fans** teriam, no minimo, uma obra de cohesão absoluta, detalhada — pois é bem conhecido o accendrado amor de De Mille pelo detalhe — e de uma magnificencia e um esplendor pictorico extraordinario, quando não fosse uma obra de cineasta, seria, quando menos, um film bem dirigido. Mas De Mille não podia adivinhar. Abriu mão do seu direito em favor da Warners. E prompto! A tarefa foi entregue a Michael Curtiz, o mais terrivel desbaratador dos cofres dos Studios. Que calamidade! O homemzinho importado da Europa, até hoje ainda está preoccupado com o verdadeiro sentido do Cinema. Ainda não o apanhou, o coitado!

Elle pensa que a arte de Chaplin e Vidor póde ser substituida com montagens gigantescas e grandes movimentos de colossaes massas humanas. A sua "A Arca de Noé" deixa a desejar sob todos os aspectos em que póde ser encarada.

Reune em seu bojo duas historias mal construidas, contadas sem a menor particula de Cinema e com nenhuma clareza. A primeira, a moderna leva a palma da victoria em materia de novidade. E' uma narrativa pouco interessante e demasiadamente vazia, de um romance incolor passado durante a Grande Guerra. Além disso, está dirigido á antiga, isto é, á Michael Curtiz e interrompido a cada passo por symbolismos irritantes pela sua pouca opportunidade, pela sua negação absoluta como elementos photogenicos e até mesmo pela sua deficiencia material. De repente, sem mais nem menos, lá surge a segunda parte, a historia biblica, com a Arca e o Diluvio. E' a parte de mais valor do film.

Mas não é a de mais valor, por conter Cinema e sim por sua grandiosidade. Entretanto, é de uma grandiosidade inexpressiva e pouco photogenica. São planos que focalizam montagens gigantescas e massas humanas colossaes, com a maior frieza deste mundo. Mostram apenas por alto, de longe, com a preoccupação unica de provar que a Warners gastou muito dinheiro. E a incompetencia de Curtiz fica ahi, mais uma vez, provada á sociedade.

Nem detalhes atmosphericos, nem detalhes descriptivos. Nem detalhes de interpretação, nem detalhes psychologicos. Só montagens grandes e muita gente em scena. Aliás, os truques do Diluvio, a destruição pelas aguas está muito mal disfarçada. Finalmente, esta segunda parte do film tem mais valor como divertimento. Antes de mais nada, offerece sensações novas. E depois, materialmente, contenta aos apreciadores de espectaculos cinematographicos.

Do elenco não ha um só nome a destacar, por isso todos têm desempenhos mediocres.

Dolores Costello, George O'Brien, Louise Fazenda, Noah Beery, Guinn Williams, Myrna Loy, Anders Randolf, Armand Kaliz e William V. Mong são as principaes figuras.

O nosso Paulo Portanova apparece até em primeiros planos e tem um letreiro. Cecil B. De Mille não devia ter deixado Michael Curtiz convencer o mundo de que o Diluvio é pura invenção...

Cotação: 5 pontos. — P. V.

PATHÉ

O BAILARINO — (Melody Lane) — Universal — Producção de 1929.

Os films falados constituem, por força, a maior calamidade de quantas têm assolado o Cinema. Desmancharam em mezes todo o primoroso trabalho de annos dos philologos da Arte do Silencio. Mergulharam na lama da mediocridade os maiores cineastas. Transformaram em fantoches ridiculos as mais brilhantes figuras da tela de prata. E, não contentes com isto tudo, passaram a imitar sordidamente a antiquada e insipida arte theatral e a reviver todos os capitulos de convenções do theatro e do romance. E' uma lastima. "O Bailarino", film aleijado, pois sendo falado não tem voz, é uma prova insophismavel de tudo o que ahi fica dito. E' uma das cousinhas mais tolas, convencionaes e sem sabor que a "U" já produziu. Méro pretexto para o horrivel Eddie Leonard mostrar toda a sua tremenda antiphotogenia e escancarar a guela. Pobre Josephine Dunn! Pobre Huntley Gordon!

Cotação: 4 pontos. — P. V.

FAZENDA E AR MARINHO — (Waterfront) — First National — Producção de 1928.

Dorothy Machaill e Jack Mulhall, não ha duvida, formam um dos mais sympathicos pares do Cinema. Ella é formosa, tem bastante it, possúe um corpinho esculptural e uma personalidade exhuberante de viço e bom humor, e o que é mais importante é o typo da pequena da fuzarca. Elle, Jack Mulhall, não possúe qualidades tão apreciaveis — está visto! — mas é um rapaz muito sympathico, tem os seus musculos e sabe fazer as suas graças com expontaneidade e a proposito. Dahi serem os films de ambos muito bem recebidos sempre. Este, por exemplo, não poderia ser recebido de outra fórma. E' uma comedia leve, ás vezes levada para o slapstick, mas sempre espirituosa. E' um magnifico divertimento para qualquer especie de publico. Tanto mais quanto foi dirigido por William Seiter, um director que, indiscutivelmente, sabe lidar com motivos comicos. E, depois, elle nunca deixa de imprimir nos seus films, qualquer que elles sejam, uns toques de caracterização de lambugem.

Dorothy apparece quasi todo o tempo mettida em roupas masculinas. Mas ella perde muito pouco do seu encanto feminino. Jack faz um marinheiro, com inimitavel espirito. A atmosphera e os ambientes de gente do mar são provas eloquentes da excellencia de William Seiter como director. James Bradbury, Knute Erickson, Ben Hendricks e Pat Harmon completam o elenco.

O scenario de Tom Geraghty é bastante acceitavel.

Cotação: 6 pontos. — P. V.

S. JOSE'

PERCORRENDO A EUROPA — (Chasing Through Europe) — Fox — Producção de 1929.

Nich Stuart e Sue Carol envolvidos num romance tão leve, que a gente vê immediatamente que foi tecido como pretexto para apresentar mais umas aventuras do cameraman Nick Stuart. A linda e fascinante Suezinha, do meu coração, só dá o prazer de apparecer para se despedir de Nick todas as vezes que elle parte para as suas buscas de newsreels. O resto do film resume-se nestas buscas, algumas, aliás, bem interessantes e cuidadosamente imaginadas. Em summa, é um bom divertimento, na falta de cousa de mais substancia. São esplendidos certos trechos, como o da Torre Eiffel e o do theatro **Follies Bergeres.**

Gustav Von Seyffertitz, Gavin Gordon e Alyn Warren tomam parte.

Cotação: 5 pontos. — P. V.

PHENIX

VOLGA, VOLGA — (Stenka Razine) — Phenix — Producção de 1929.

Este film foi exhibido com muito successo, na Europa. Realmente é um trabalho fóra do commum, principalmente por se tratar de uma producção européa. Entretanto, não está na altura de figurar em citações de obras de arte do Cinema. Versa sobre a vida de um famoso rebelde do Volga. Tem um elemento amoroso bem razoavel. Está contado com certo entendimento cinematico. Tourpansky não é um leigo. Elle conhece um pouco de Cinema. Creio, entretanto, que soffre da mania de imprimir, principalmente, belleza pictorica aos seus films. Por um angulo original, por uma composição bonita elle sacrifica até a dramaticidade da obra. O film foi confeccionado com riqueza de recursos verdadeiramente notavel. A atmosphera e os ambientes, quer nas sequencias terrestres, quer nas que se desenrolam a bordo das galéras são exemplos do valor directorial de Tourpansky. A narrativa é clara. Mas tem abundancia de titulos falados e sub-titulos e além disso não é homogenea. Quasi todas as sequencias estão muito esticadas. E existem muitos trechos desnecessarios. Os valores humanos da historia tambem não mereceram muitos cuidados do director. Elle sacrificou parte da psycologia das personagens em favor da belleza do conjunto. A elle preoccupou muito mais a narração das aventuras do que as almas dos aventureiros. Mesmo assim, entretanto, a volta dos rebeldes que é toda ella a culminancia do film, offerece bellissimos trechos de drama ao lado de profundos traços de psycologia individual.

E' film destinado a pouco successo. Quasi não entram os elementos populares. Até mesmo o elemento amoroso é escasso, embora sentimental e dramatico.

Stenka Razine, o aventureiro, é vivido com muito vigor e desembaraço por H. A. Von Schlettow. Lillian Hall Davies faz com muita delicadeza a infeliz heroina. Os outros do elenco são Rudolf Klein Roge, Boris de Fau, George Seroff, Alexis Boudireff e G. Stark.

Não é um film para todos os paladares. Mas é digno de ser visto.

Cotação: 6 pontos. — P. V.

SCENA DO FILM "TANNED LEGS" COM ANN PENNINGTON

VAMPIROS

(DE MYSTERY. :: ESPECIAL PARA "CINEARTE"

EM primeiro logar, vamos ver a significação do termo. Vampiro é uma mulher que emprega todo e qualquer meio para seduzir todos os homens que se lhe approximam. Conseguido seu intento, abandona-os.

Entretanto, as "vamps" não são todas eguaes; umas seduzem por instincto, outras por amor-proprio, e outras, ainda, por maldade.

Italia nos deu as primeiras "vamps" em Francesca Bertini e Pina Menichelli.

Quem não se lembra ainda dessas duas mulheres magnificas, que tantos triumphos colheram e tantos corações espezinharam na sua marcha triumphal? Como artistas, eram detestavelmente exageradas. Mas eram verdadeiramente mulheres fataes.

A Bertini, com a sua majestade dolorosa de madonna florentina, tinha qualquer cousa de tragico, nos olhos, no sorriso e nas attitudes, que impressionava e seduzia.

Pina fascinava com aquelle seu corpo incrivel, que vibrava todo, e se contorcia e se dobrava, corpo tão parecido com a onda que se joga traiçoeira sobre o naufrago, e o cobre, e o suffoca e mata...

Ellas foram as primeiras **vamps.** E as mais verdadeiras, porque seduziam por instincto, porque havia em seu sangue qualquer cousa que as impellia a procederem assim.

Depois, os americanos quizeram copiar E surgiu, então, Valeska Surat, que mostrava, no nome, todo o cortejo de perfidias que trazia no coração. Veiu, depois, Theda Bara, com seus olhos verdes e seus vestidos de cauda; amou, seduziu, destruiu, matou... e desappareceu.

Finalmente, appareceu Alla Nazimova, toda estranha e seductora, perfeitamente vampiro. Vi-a, pela primeira vez, em "A lanterna vermelha"; e naquelle pedaço do Orients, com seus chinezes assustadores, e naquelle ambiente cheio de ameaças, mysterio e terror, ella se movia, mysteriosa, ameaçadora e terrivel.

Mas foi em "Salomé", que ella se revelou; a linda obra de Wilde encontrou em Nazimova uma interprete fiel e admiravel; ella deu ao seu papel aquelle tom de singularidade e bizarrice que o Mestre poz na sua heroina.

Nazimova foi Salomé e nada mais.

Depois della veiu Barbara, que era bella demais para poder viver; e a morte levou para sempre essa poderosa "vencedora de corações".

Nita Naldi veiu occupar o logar deixado vago por Barbara, ella não era bella, mas seu todo era de uma vampiro; — seus olhos obliquos, que lembravam volupia, seu nariz aquilino, cujas narinas frementes denunciavam paixão, sua bocca sensual, que era tentação, seu corpo coleante, que era desejo...

Ella era fatal. Seu maior successo foi em "Sangue e Areia", quando foi a Dona Sol voluptuosa e inconstante, que levou á morte o apaixonado toureiro.

Algum tempo se passou. Qual seria a proxima vampiro? Vieram outras mulheres bellas, seductoras, mas nenhuma era "vamp".

Afinal, um dia ella chegou. Não é bonita. E' uma mulher colorida.

Tem o cabello vermelho das bruxas, os olhos verdes das sereias, a pelle morena das mulheres dos mares do sul.

Bruxa, sereia e mulher... eis Myrna Loy!!

Ella parece uma bacchante fatigada, toda enfeitada de folhas de parra e argolões de ouro... E' o typo perfeito de vampiro, assim perversa e exotica.

Mas ella ainda não teve opportunidade; e emquanto essa não chega, vae triumphando outra vampiro moderna — **Mary Duncan.**

Mary é diabolica e ardente. E' Amphitrite surgindo da agua nutante e glauca...

Myrna é mais sereia. Mary é mais mulher. E ambas são **vamps.**

....

Meia noite. Pela janella aberta entra um bafo morno como o halito de um fauno...

E nessa atmosphera pesada de vicio e desejo, eu fico sonhando com mulheres que têm parte do corpo como os peixes, uma bocca cheia de paixão e os olhos com uma porção de mentiras e maldades...

MARY DUNCAN

MYRNA LOY

Walter Lang, supervisionado por James Cruze, vae dirigir um film para a Sono-Art, que se intitula "The Soul of the Tango", com pequenas de mantilhas e cavalheiros que usam fantasias de Carnaval. A reclame do film diz que se trata de uma historia linda, passada na moderna Argentina...

As comedias de Hal Roach serão produzidas em allemão, hespanhol, francez e inglez.

Ronald Colman vae fazer "Raffles". Que é que a gente vae fazer, não é?

Arthur Lake firmou longo contracto com a R. K. O.

Pola Negri está em preparativos muito sérios para voltar a Hollywood e divorciar-se do seu marido, o Principe Mdurani.

CINEMA TRIANON, DE SABARÁ (MINAS GERAES) NO DIA DA EXHIBIÇÃO DE "BRAZA DORMIDA"

CINE AVENIDA DA EMP. PEREIRA E FIGUEIREDO. A AVENIDA DO CANALETE. — RIO GRANDE.

CINEMAS BRASILEIROS

FACHADA DO HELIOS DO RIO NA NOITE DO FESTIVAL DEDICADO AO "CINE-ARTE"

SALA DE ESPERA DO CINEMA PEDRO II DE S. PAULO

FACHADA E SALA DE PROJECÇÃO DO CINEMA IDEAL, DE COLLATINA NA NOITE DO FESTIVAL DE "CINEARTE".

O Grande Amor de Rodolfo Valentino

(F I M)

"Os Quatro Cavalleiros do Apocalype", foram outro dia exhibidos numa festa de caridade em casa de Marion Davis. Os assistentes riram. A technica de Valentino era tão fóra de moda...

O maior de todos. O mais adorado, o mais admirado. Tres annos depois, dois amigos que revivem as suas saudades em casa. Na cerimonia alguns outros — Douglas Gerrard, George Ullman. O irmão que veio da Italia. De Posadena a Falcon Lair, de Falcon Lair... aonde?

Degraos da Gloria que não conduzem sinão ao tumulo e ao esquecimento.

Griffith signo de infortunio

(F I M)

lace Reid alcançou uma voga jamais conseguida por nenhum outro astro masculino da téla, com excepção unica de Valentino. Wally, entretanto, que casou tanta impressão no papel do heroico ferreiro de "The Birth of a Nation", desappareceu dramaticamente no pinaculo da sua carreira, victima da sua propria fraqueza.

George Seigmann, o odioso vilão *Gus*, nesse mesmo film, morreu tambem ainda moço.

Clarine Seymour não gosou sinão um breve anno de celebridade, morrendo logo victimada pela peste branca, depois de fazer "Scarlet Days", cujo titulo brasileiro não nos occorre no momento. Essa poderia ter sido uma das maiores estrellas do screen", cheia de vida e mocidade como era.

Foi Clarine quem introduziu o chimmy em Los Angeles.

Robert Harron, aquelle rapaz cuja vida era um livro aberto morreu de desgosto, repentinamente, quando viu Richard Barthelmess escolhido para o herói de "Horizonte Sombrio". Os jornaes noticiaram que elle havia morrido de um tiro casual, outras pessoas falaram em suicidio, mas nada disso é verdade.

Charles Emmett Mack, morreu em consequencia de um accidente de automoveis, quando fazia um film que seria a sua maior gloria.

Estranho destino o de Gladys Brockwell. Uma das suas ultimas apparições na téla, foi um film em que ella morria. Era o fim tragico de uma tragica carreira. Depois do accurado training de Griffith e de um breve periodo de celebridade como vampiro, Gladys sumiu-se quasi inteiramente. O Cinema falado trouxe-a novamente á tona. Abria-se deante della uma carreira mais brilhante ainda, mas o destino dispuzera differentemente. Gladys morreu num horrivel accidente de automovel no movimentado Ventura Boulevard.

Lillian Gish, a maior das duas estrellas desse nome encontrou grande difficuldade em voltar a téla por outra mão. E talvez não o tivesse conseguido sinão fosse o seu admiravel trabalho em "A irmã branca", feito na Europa.

Mesmo as suas ultimas fitas na M. G. M. não foram grandes chamarizes de bilheteria. Ella já não possuia toda a sua antiga scintillancia e aquelle typo de heroina delicada e vaporosa parecia um tanto incongruente nestes modernos tempos de pequenas coquettes e doudivanas. Lillian é o enigma do "screen". Mesmo hoje ella será capaz de voltar e revelar-se de novo a soberba estrella Griffith do passado.

Dorothy Griffith nunca foi o que se chama um successo extraordinario fóra das mãos de Griffith. Mesmo sob a direcção desse mestre ella era de certa forma offuscada pela sombra da irmã Lillian. Durante varios annos elle fez films no estrangeiro. Os poucos esforços para attingir os Estados Unidos foram recebidos com frieza. Todavia quem não se lembrará da "Little Disturber" em "Coração do mundo"?

Si Henry, B. Walthall houvesse preservado a sua saude poderia ter sido um artista maior do que John Gilbert. O seu desempenho do "Pequeno Coronel" em "The Birth of a Nation" foi notavel. Era uma figura romantica que os longos annos de enfermidade envelheceram e alquebraram. Elle se viu obrigado a representar papeis caracteristicos, quando deveria encarnar heróes fogosos.

Ainda hoje é muito solicitado para taes papeis, mas certo não era esse o seu destino.

Walthall é sem duvida a maior das tragedias de Griffith, tanto tinha elle que dar ao "screen".

Blanche Sweet, a heroina de um dos primeiros films espectaculares, "Judith of Bethulia" é ainda joven e bella, mas só ha pouco se viu solicitada. Desde "Anna Christie" nunca mais ella teve um papel digno de si.

Essa tambem viu-se a braços com a doença, desarranjos financeiros e drama domestico.

Em seguida temos a querida "Irmãzinha" em "The Birth of a Nation", a joven operaria em "Intolerancia" e a delicada florzinha de "The White Rose" — Mae March.

Mae fez gazeta um dia na escola para ver sua irmã mais velha, Marguerite, trabalhar com Griffith. Parecia destinada a ser uma das maiores figuras da téla, mas o seu unico successo legitimo foi com Griffith. Mais tarde ella foi para a Inglaterra, onde trabalhou em film, como fizeram Dorothy Gish e Blanche Sweet.

Hoje ella vive retirada perto de Passadena, devotada á sua casa e aos seus filhos. Não é de crer que ella sinta falta do ambiente de adulação em que viveu outr'ora, como tambem é de duvidar que ella tenha o pensamento de voltar ao "écran". Ha pouco ella appareceu num casamento "fashionable" de film.

Griffith quasi arruinou a sua carreira, tentando fazer Carol Dempster estrella. Por motivos ignorados essa intelligente rapariga nunca gosou de popularidade entre os "fans". Griffith via nella grandes possibilidades e resolvera não abandonar o seu intento. A primeira notoriedade de Carol proveio da sua maneira graciosa de andar. Fôra uma dansarina e Ruth St. Denis. Foi talvez o seu andar que fascinou Griffith. Elle costumava realizar muito com pequenas coisas desse jaez. Não se recordam do raro andar deslisante de Mary Hay em "Horizonte Sombrio"?

Mary tambem cahiu sob o signo do infortunio. Dick Barthelmesse estavam naquelle tempo muito ennamorados um do outro, mas o seu casamento foi um fracasso. Dick teve os seus annos de fortuna varia depois de ser "descoberto" por Griffith. Elle não é um typo de natureza particularmente feliz. Além disso muitos dos seus films não conseguiram popularidade. Mas elle restaurou-se a sua propria custa, pelo valor do seu trabalho. Hoje elle se acha de novo solidamente plantado nos pinaculos.

Rodolph Graves, a despeito da sua excellente capacidade de artista, não logrou o merecido successo depois de "Rua dos Sonhos". Mesmo a sua magnifica interpretação no recente "Submarino" não teve grande significação para elle. Durante algum tempo elle dividiu a sua actividade, representando e dirigindo.

Um outro exemplo de caiporismo é o de Eric Von Stroheim. Quem se esquecerá jamais o seu magistral trabalho de vilão em "Corações do Mundo"? Pois a sua "guigne" começou mesmo durante a filmagem dessa producção. Estavamos nos dias da grande guerra, o odio lavrava em todos os corações e elle austriaco, com apparencia germanica. Stroheim era antipathizado no "set" e todo mundo tinha prazer em atormental-o.

A sua estrella nunca mudou. Eric Von Stroheim é um genio, e um genio que não pensa como o resto do mundo. O seu espirito vive em regiões estranhas. Isso faz que cada um dos films que elle dirige lhe traga uma serie de aborrecimentos. Gloria Swanson, não ha muito tempo, não quiz exhibir um film que elle dirigiu para ella — "Queen Kelly".

Depois de varios annos de trabalho e de milhões de dollares despendidos, foi "A marcha nupcial" o mais completo fracasso.

Griffith não tinha a menor duvida de que Bessie Love fosse uma excellente actriz. No emtanto quando ella o deixou, Bessie tinha conhecido annos de má sorte. Era a velha, a velhissima historia da falta de "sex appeal".

Afinal Bessie tomou a coisa a si, creou-se uma nova personalidade; tornou-se a vida de todas as reuniões, e dansou, cantou e representou o seu ukulele. Hoje ella é uma das maiores potencias nos dominios do film falado.

Todo o mundo conhece a historia de Mildred Harris, o seu dramatico casamento com Chaplin e os seus inenarraveis esforços para voltar á actividade. Hoje ella é um modesto successo no vaudeville. Em "The Brith of a Nation" figurou tambem o nome de Miriam Cooper, hoje quasi inteiramente olvidado, embora fosse uma artista de rara proficiencia.

Senna Owen, a imponente rainha de "Intolerancia", acha-se de novo no "screen" depois de um periodo de ausencia.

Winifred Westaver tambem retirou-se da téla depois do seu casamento infeliz com William S. Hart.

Ella voltou á scena para trabalhar em "Lummox". Não nos recordareis por certo do nome de Marjonie Wilson, entretanto ella foi acclamada como "Brow Eyes" em "Intolerancia".

Outros nomes ha que lembram fracamente passadas grandezas. Joseph Henaberry, Fred Turner e Mary Aldon, em "The Birth of a Nation". Tay Tincher que durante algum tempo foi uma das comediantes leaders da téla e Elmo Lincoln, o homem herculeo de Griffith. Constance Talmadge tornou-se celebre como a *Mountain Girl*, em *Intolerancia*. A sua carreira foi brilhante, mas Connie não ligava importancia ás suas qualidades de artistas.

Elle preferia a "farra" ao trabalho arduo a que se escravisou Norma Talmadge durante tantos annos. Nestes ultimos annos Griffith fez uma serie de films imprestaveis, entretanto elle foi outr'ora o maior de todos os directores. "Tristezas de Satanaz" esteve a pique de arruinar Adolphe Menjou. Lyade Putti a mulher sensacional do "Varieté" foi uma sereia pathetica. Jetta Goudal nunca mais trabalhou desde "Melodia do Amor", a despeito do bom trbalho que ella produziu nesse film.

Mas o caiporismo, a má sorte, se inclinou sempre para o lado de Griffith, desde os tempos de "The Birth of a Nation", o film que o celebrizou e que ao mesmo tempo lhe creou uma serie de inimigos. Elle tem sido assaltado pela inveja alheia e a infelicidade o perseguiu mesmo na sua vida matrimonial.

Hoje elle comprehende o seu erro em ter insistido pertinazmente pelo successo commercial.

Elle deve trabalhar com a inspiração e com material idilico. A sua formula de producção nunca foi egualada — tratar o episodio de maneira a conduzil-o a um tremendo climax, desenvolvendo-o em acções parallelas.

E' possivel que elle consiga vencer a velha "jettatura" com o seu "Abraham Lincoln".

Quando a uma mudança de fortuna para muitos dos outros... é demasiado tarde para Wally Read, Babby Harron Clarine Segmour e Charlie Mack.

Para os que ainda vivem, é muito tarde para Henry Walthall attingir as alturas que lhe eram destinadas.

Será talvez muito tarde para Blanche Sweet, Mae Mursh e Dorothy Gish voltarem ás acclamações do publico.

Talvez tenha sido o bastante "fazer um film com Griffith".

Ronaldo de Alencar, o Alvaro que amou Isaura...

(F I M)

em si, foi á primeira do film. Levou toda a sua familia. E, quando voltaram, recebeu a mais severa de todas as criticas. "Aquillo?" "Para aquillo?" "Naquillo?"... E, com aquelle "aquillo", sentiu uma extranha angustia invadir-lhe o coração e tomar-lhe toda a alma de artista e sonhador...

Ronaldo, leitores, é modesto. Esquecia-me de frisar este seu particular. Tudo que elle faz, pensa que é mal feito. E' dos que pouco valor dá a si proprio. Conversando com elle, contei-lhe toda a admiração que sentimos pelo seu desempenho. Sobrio. Photogenico. Agradavel. Disse-lhe, mesmo, que se o film tivesse menos baile e mais elemento amoroso, seria muito melhor. Mas, assim mesmo, Ronaldo

ED. LOWE E CONSTANCE BENNETT EM "THIS THING CALLED LOVE".

não se convenceu muito de que fôra bem succedido. Affirmei-lhe, então, que, embora mal comprehendido pela direcção do film, era, com Celso Montenegro, o par que salvara o film de completo fracasso.

Rapaz de habitos regrados, vive, pode-se affirmar, mais para a familia, da qual cuida com desvelo, do que para o mundo. Emquanto me contava estas peripecias interessantes e mais outras, tinha, ao côlo, um lindo sobrinho que divertia, pacientemente, emquanto conversava, dando corda, para o divertir, á um macaquinho de mola, presente de Natal...

Musico, de alma e coração, adora as melodias de Puccini. O dueto do 4°. acto da Bohemia e o "Sonho" da opera "Manon", de Massenet, são os seus trechos predilectos. Empolgam-no, ainda, as canções de Heckel Tavares. Pedi-lhe que cantasse. E como a conversa girasse em torno de Cinema Brasileiro, cantou a "Casa de Caboclo"; confesso que o convidei a cantar por praxe e que me dispuz a ouvir a melodia pela milézima vez. Mas, confesso, fiquei abysmado com a sua voz! Que voz! Estylo Schipa. Macia. Delicada. Veludo precioso a escorrer da sua garganta e a nos cahir, macio, sobre o coração... Se, no Cinema Silencioso o seu papel é importante, pela sua belleza mascula e pelo seu todo photogenico, o que será no Cinema Falado?...

Dos films Brasileiros, este anno, viu "Braza Dormida" e "Fragmentos da Vida". Não viu "Barro Humano" por se achar, naquella época, ausente de São Paulo, filmando. Apreciou mais "Braza Dormida" e considerou admiraveis Pedro Fantol e Nita Ney. Salientou a direcção de Humberto Mauro e arrematou dizendo que a Ruth Gentil que todos viram na "Escrava Isaura" era apenas a imagem da verdadeira Ruth Gentil. "Octavio, você ainda a verá num verdadeiro film!"

Dos artistas norte-americanos, prefere John Gilbert, Emil Jannings e Lewis Stone. E, das artistas, pelos seus typos, Evelyn Brent e Greta Garbo e, pelos seus desempenhos sentimentaes, suaves, Lillian Gish e Janet Gaynor. Aprecia extraordinariamente os films de Clarence Brown, Ernst Lubitsh e Frank Borzage. E, dos ultimos films exhibidos, impressionou-se bastante com "Mulher de Brio".

Um pouco desilludido com o ambiente da Cinematographia Nacional Paulista.

A sua virtude predilecta é a lealdade. E o typo de mulher que prefere, a morena de olhos escuros... (Aqui Ronaldo suspirou e olhou para dentro da alma...)

O seu unico ideal é ser artista. E a sua maior ambição, ver o Cinema Brasileiro victorioso em toda a linha. Censura a ganancia do exhibidor e deseja ardentemente a intervençao do Governo para protecção de determinados obstaculos que se oppõem á marcha triumphal definitiva do nosso Cinema.

Acha, o grito de "Independencia ou Morte", o feito mais ousado e heroico da nossa Historia e afiançou que pelo Cinema Brasileiro dará o melhor da sua bôa vontade.

O Alvaro, advogado em Recife e apaixonado de Isaura, ha de viver ainda por muito tempo na lembrança das nossas patricias e Ronaldo de Alencar, indiscutivelmente, com o seu enthusiasmo, sympathia e delicadeza captivante é um dos bons elementos que honram a Cinematographia Brasileira.

O proximo film de Norma Shearer será "The High Road". Sidney Franklyn dirigirá.

Mais uma linda mexicana conseguiu entrar em Hollywood como em tereno conquistado — Nancy Torres que não tem parentesco com Raquel e foi contractada pela Universal.

"Dulcy", film de Marion Davies que aliás já foi filmado com Constance Talmadge, foi muito bem recebido pela critica.

Evelyn Brent foi alugar um appartamento.
— Este aqui é de 200 dolares — disse o gerente. E aquelle outro 400 dollares. Mas tem telephone!

"Just Kids" será outro film de M. G. M. no genero assim de Hollywood Revue.

"O Flirt" e "Virgin de Stambul" vão ser refilmados pela Universal, falados.

Victor Mac Laglen e Edmund Lowe vão apparecer juntos outra vez em "Broad Minded", sob a direcção de Raoul Walsh. E será em "grandeur"!

"Mans langhter", "A Homecida", vae ser refilmada pela Paramount, falada.

James Cruze vae dirigir "Circus Parade", baseado no livro de Jim Tully.

O primeiro film de Reginald Denny para a Sono-Art chama-se "The All Want Something". E' verdade. E Reginald Denny de bons films.

O proximo film de Buster Keaton será "On the Set" e Sedguick é o director.

Clive Brook e Evelyn Brent apparecem em "Slightly Scarlet".

O Rio do Romance

(F I M)

embaraçado e afflicto, exclamou: — O major póde dirigir-se á minha propria sobrinha. Prefiro deixal-os a sós, para que melhor se entendam.

Foi então que Elvira declarou seu noivado da vespera, durante o baile. O major sacudia a cabelleira convulsa. Seus olhos despediam chispas extranhas. E, sahindo da sala, brutalmente, foi em direcção da varanda, onde se encontrava toda a familia reunida. E, ali, deante de todos, trepidante e colerico, desafiou o rival para um duello. Lucy havia pedido a Tom que não brigasse. Elle ignorava o codigo de Mississipi. Era calmo, era septentrional. Não quiz brigar. O major delirava. Era um covarde, um poltrão! E, dirigindo-se a Elvira, debulhada em lagrimas:

— Não se envergonha de ter como noivo um maricas como este? Nunca vi, em minha vida, um homem tão covarde!

Elvira, indignada, apoiava-o. Tom não a considerasse mais sua noiva. Estava tudo acabado. A familia inteira se voltava contra elle. O velho pae, acabrunhado, parecia amaldiçoal-o com o olhar. A voz pausada e lenta, declarou:

— Não és mais digno de ser meu filho! Então se revoltára. Partiria então. Já que ninguem, ali, o comprehendia e que todos reprovavam a sua conducta, elle iria embora... A unica pessoa que o amparava, que o comprehendia, naquella situação, era a pequena Lucy, toda ternura, toda amor, toda bondade. Ella o acompanhou até a estrada, onde, pelo rio abaixo, se iam as barcas preguiçosas... E ahi, então entregou-lhe a bocca rosea e fresca. Dentro de um anno, completaria 20 annos, haveria um baile grande e bonito, ella lhe supplicava que viesse, ella o esperaria...

Tom partiu, desorientado, sem rumo... Em Natchez, ao accaso, uma casa de jogo o attrahiu. As circumstancias, sempre inesperadas e incomprehensiveis, fazem do rapaz calmo e inimigo de brigas, o mais temido dos disputadores e contendores.

O dono da casa de jogo, Orlando Jackson, individuo que não era completamente máu, embora chantagista, appellida-o o Coronel Blake e usa delle como de um espantalho para espantar os passaros máus e audaciosos que ameaçavam, cada dia, de transformar aquella casa de especulação em um verdadeiro campo de batalha.

Só o nome do coronel Blake servia para acalmar todos os odios e aplainar as situações. Na verdade, Tom continuava a ser o mesmo irremediavelmente pacifico, inimigo de rixas e contendas. Orlando Jackson, porém, não se cansava de espalhar: era um valentão! Ninguem se metesse com elle! Em dois tempos seria um homem morto!

Orlando Jackson não tinha um olho. Usava, para encobrir esse defeito, uma banda de panno preto que lhe dava um ar ainda mais mephistophelico. Esplicára a Tom o accidente:

— Minha mulher era muito religiosa e um dia, numa briga commigo, atirou-me o livro de missa á vista esquerda.

Tom achava Orlando Jackson um companheiro optimo e engraçadissimo. Durante um anno, acompanhou-o na vida, e apezar de ser, para todos os effeitos, um valentão sem igual e sem rival, perdurava ainda em seu coração toda aquella sua calma pafica e a amizade que Lucy nelle soubéra despertar. Amizade, digo mal, porque um beijo como aquelle que elles trocaram no momento da despedida, póde fazer nascer tudo menos amizade. Agora que passára um anno e que o dia do baile da apresentação de Lucy se approximava, Tom, melancolicamente, em companhia de Orlando Jackson, descia o rio que o levava á casa paterna.

Enviára, antes, anonymamente, um lindo par de sapatinhos de flores e fitas para a sua prima calçar no grande dia.

Ella os recebera e parecera advinhar o seu destinatario. Elvira, esta, casara-se, afinal, pouco depois da partida de Tom, com o major Patterson e começava a perder as linhas que a faziam bella e graciosa.

O major era o primeiro a declarar: — Queixas-te de que te fazem os vestidos apertados. Mas é que estás ficando muito gorda...

Ao principiar o baile, Lucy, solicitada por dezenas de cavalheiros para dansar a primeira vez, não a promettera a ninguem, porque, no seu intimo, sabia para quem a reservára... E, sentado sob uma frondosa arvore, no parque, emquano o baile se reazava lá dentro, ella teve a encantada surpresa, de ver, subitamente, deante de si, seu primo Tom, em carne e osso, a lhe pedir a primeira dansa que lhe estava destinada. Como num encantamento, os dois dansam uma romantica valsa.

— Lucy, como estás linda... murmura o joven, deslumbrado. Mas um cavalheiro mais exigente vem tirar Lucy do seu enlevo, para a seguinte dansa que ella havia promettido.

Então Orlando Jackson, que se mantivéra por ali por perto, á espera, se approxima de Tom. E, subito, na varanda, eis que os dois se apresentam, perante a familia reunida, justamente as mesmas pessoas que um anno atraz haviam assistido á lamentavel scena da discussão. E ahi, então, Tom, encorajado pelas palavras atterrorisadoras com que Orlondo Jackson se encarregava de classifical-o, consegue incutir no major Patterson e no seu irmão, verdadeiro terror. Joe Patterson contrahira dividas, em nome do general Rumford, na casa de jogo de Orlando Jackson. A situação é formidavel, embaraçosa. Tom, dirigindo-se a Elvira, exclama:

— Não se envergonha de ter como marido um maricas como este?! Nunca vi, em minha vida, um homem tão covarde!...

O major Patterson e o seu culpado irmão, encolhem-se acovardados. Não podem reagir: ali está o vale assignado por Joe Patterson na casa de jogo, em nome do general Rumford... A cólera do velho é tremenda.

— Retirem-se de minha casa, seus patifes!... E, estreitando o filho nos braços. — Agora, sim, que és um homem, meu filho! A familia, commovida, o cerca. Lucy está radiante e radiosa. Tom declara, então, ao pae, que quer casar com ella.

E Orlando Jackson, ao se retirar da casa onde deixava o seu amigo nos braços da noiva querida, grita-lhe á distancia:

— Cuidado com os livros de missa!...

L. L. CARLOS

Olive Bordem a procura de sua alma

(F I M)

Não é duma hora para outra que se perde o habito de lady do Cinema.

Num grade gesto ella se desfez da sua casa no Beverly Hills, cortou a criadagem na lista das suas despezas e foi residir num pequeno "cottage" á beira mar.

Mas como havia representado aquelle papel durante tanto tempo ficou um tanto surpreza não ouvindo os directores de emprezas bater á sua porta com gordos contractos para offerecer-lhe.

Passou cinco mezes sem fazer uma scena. Passou cinco mezes a tomar banhos de sol estirada na areia, a tostar a pelle, e começou então ao conhecer a sua propria alma.

Mas o processo da completa reconstrucção era lento. Ella levou mais de cinco mezes a transformar-se da simples lady creada por um director que fôra antes, em ser humano.

Numa hora e quinze minutos ella havia dado o primeiro passo, tomado a primeira decisão; mas custou-lhe mais de cinco mezes o trabalho de expurgar-se completamente das rendas pretas e do maneirismo.

Assim quando um productor independente lhe offereceu um papel num film, ella pensou demoradamente antes de acceitar trabalho numa das companhias de segunda ordem. Afinal, acabou decidindo que o que lhe cumpria era voltar á actividade. E voltou.

Olive se orgulhara sempre dos seus longos cabellos negros, ella tinha o habito de prendel-os encantadoramente á nuca. Mas, de repente, ao contrario de Sansão, Olive achou que o comprimento dos cabellos estava contituindo a sua fraqueza, servindo-lhe de obstaculos.

Era simplesmente o typo da sereia fóra de moda. Assim elle tomou a sua segunda decisão. Sentou-se na cadeira do cabelleireiro e assistiu á queda das longas madeixas.

Mas sentia-se ainda atemorizada e só permittiu o corte até a altura dos hombros.

Agradou-lhe a coisa, mas a metamorphose não era bastante radical. Sentia que com todas aquellas coisas que se agitavam em seu espirito, era necessario submetter-se a uma mudança physica vigorosa. Resolveu-se, então a executar o gesto de independencia final. Cabellos á la garçonne!

E uma Olive Borden inteiramente nova assignou um novo contracto.

Foi um acto de heroica bravura, como poucas vezes se tem verificado em Hollywood.

Radiante, numa saia pregueada de sport e num sweater de azul vivo ella dizia: "Ponho-me á frente do espelho e não posso acreditar que ha um anno atraz eu era tão idiota. Só agora começo a me conhecer e a comprehender-me!"

E' preciso um temperamento desportivo e força de espirito para fazer o que Olive fez. Muito pouca gente seria capaz de reconhecer o seu ridiculo.

Mas Olive é um caracter demasiado recto para se envergonhar dessa franqueza. Ella comprehende que estava vivendo uma vida frivola e pretenciosa, e deseja recomeçar tudo de novo.

Actualmente ella mora com sua mãe num pequeno apartamento Studio em Hollywood, e só tem uma criada.

"E' muito melhor uma casinha pequena, diz ella. Agora eu posso sentar-me no meu quarto e chamar mamãe e ella ouvir-me. Dantes eu ás vezes tinha de escrever-lhe um bilhete. Para que uma casa enorme, só para duas pessoas? Para que pompas e cerimonias quando isso não é do nosso feitio?

"Eu nunca fui uma grande dama. Fui sempre uma garota traquinas. Eu não desejava ser aquillo em que elles pretendiam transformar-me. E quando mais eu tentava, mais idiota me tornava.

Como podia eu a s s u m i r aquelles ares importantes, quando os films que fazia eram o que havia de máo?

"Eu não sou aquelle typo exotico de vampiro. Não pretendo ser uma grande artista dramatica.

Não sou "sophisticated"; porque tentar a interpretação de papeis "sophisticated"?

"Tenho duas ambições: ser na téla uma bôa comediante; fóra da téla, — uma verdadeira e digna mulher".

Sua ultima entrevista em Hollywood . . .

(F I M)

Estados Unidos irei até a Argentina, mas todo o interesse desta minha viagem ao Sul é o Rio de Janeiro de que tanto ouço falar".

Não affirmo que me tenha falado apenas por delicadeza, ou bem intencionado, mas o facto é que já estou farto de ouvir taes promessas e o mais interessante é que me dizia tudo isto num hespanhol arrevezado...

Perguntei-lhe porque não aprendia brasileiro, uma vez que praticava o russo e o norueguez. "Muito difficil", foi sua resposta.

Não achei o Menjou um homem parlador; nem de si nem dos outros. Ao menos para commigo. Respondia o que perguntava, e falava o que absolutamente não me interessava. E não interessando a mim, não interessa tambem aos leitores. E ficamos nisto.

Tambem parece que elle não foi muito com a minha cara. Olhava-me de soslaio. Kay Francis e o photographo é que falavam que nem dois papagaios de porta de quitanda. Se Menjou falasse a metade teria conseguido melhor entrevista, mas o grande elegante dos films não usava senão uma palavra de duas syllabas.

No final, repetiu aquelle batido trocadilho, "Brasil, where the nuts comes from".

Arrumou-me esta na testa, muito convencido de que tinha dito alguma cousa muito importante.

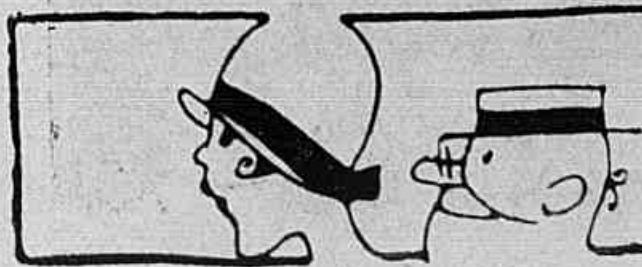
Eu tenho uma resposta para esta pilheria que o Gonzaga me ensinou mas Menjou ficou impune. Eu não esperava isso do gentleman que tanto admiro, na téla.

Srs. Contadores

Convém acompanhar os progressos de sua profissão, para que se não deixem vencer.

"Evolução da Escripta Mercantil"

é um novo livro para os Srs. Contadores e Guarda-livros com idéas modernissimas, na pratica apoiadas por nomes como: Carvalho de Mendonça, Spencer Vampré, Monteiro de Salles, Renato Maia, Prudente de Moraes Filho, Miranda Valverde e tantas outras sumidades juridicas.

A' venda: PIMENTA DE MELLO & C.
Travessa Ouvidor, 34
LIVRARIA ALVES
Ouvidor, 166
CASA PRATT
Ouvidor, 125

LEITURA PARA TODOS informa mensalmente, com lindas illustrações, os principaes acontecimentos mundiaes.

Cinearte

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga.

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 annos, 48$; 6 mezes, 25$ — Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes 40$.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia. como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada. com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO—Travessa do Ouvidor, 21. Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: Central 0.518. Escriptorio: Central 1.037. Officinas: Villa 6247.

EM S. PAULO:

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27 — 8° andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Representante em Hollywood:
L. S. MARINHO

De Bello-Horizonte

Houve quem dissesse que, nesta Capital, jornaes, revistas e Cinemas não podem ir adeante — se fôrem independentes.

Isso já foi desmentido no que respeita a jornaes e revistas. Resta saber o que se dará com um Cinema novo que por cá appareça.

A Empreza Gomes Nogueira fundada ha quasi vinte annos, foi se tornando um verdadeiro "trust" que agora detem em suas mãos todas as salas de exhibição, aqui, e aproveita-se da situação para dar ao publico o que muito bem entende.

Inaugurado em 1920, o Pathé, Cinema independente, não conseguiu aguentar-se, em menos de anno depois, cahia em poder do "trust" inplacavel.

Só em 1927 abalançou-se alguem a tentar outra vez a perigosa aventura: O Cine Gloria abriu as portas e, arrendando á Metro Goldwyn, logrou com reclame intelligente enchentes verdadeiras, além da fama de ser o melhor Cinema de Bello Horizonte — titulo aliás facil de conseguir-se.

Dessa vez, o "trust" chegou a perigar. Obrigado até a fechar o "Odeon", dantes tido como o Cinema da elite.

Mas para quem tem sorte, é *bobage*. A organisação de cinemas da Metro-Goldwyn quebrou — ou cousa que valha — no Rio, e a filial de Bello Horizonte entrega armas e bagagem á Empreza Gomes Nogueira. Resultado: o "trust", mais uma vez victorioso por força das

circumstancias, inicia triumphalmente o anno de 1928 encampando o Gloria e lá se installando.

Era indispensavel esse longo proloquio para dar justa idéa do ambiente, agora que novo grupo financeiro tenciona construir um Cine-theatro de proporções muito mais amplas. Esse grupo conta com o nome de alguns dos elementos de maior destaque na praça, e diz-se mesmo que um delles talvez seja pessoalmente interessado numa luta sem mercê contra o "trust" Gomes Nogueira.

Boatos...

O que desde já se póde affirmar é que: 1° o grupo se acha devidamente formado perante a lei; 2° o citado grupo comprou um terreno de esquina em pleno centro (praça 7 de Setembro), por 400 contos; e 3°, mandou fazer e orçar um projecto para o predio a erigir-se.

E' innegavel. Mas dahi ha um passo a affirmar-se que "a cousa vae"... Ou, pelo menos, que ella vá com as proporções previstas.

Porque é grande, é enorme o predio projectado... Em baixo, o Cine-theatro, em cima hotel — o certo é que elle sóbe á altura, vertiginosa para a nossa Capital, de dezoito pavimentos!

E é, tambem, sem o menor acanhamento que o novo grupo financeiro encara provaveis negociações com a nossa tambem conhecida Western Electric, por isso que já vão, nas conversas, dotando a sala de espectaculos de todos os modernos apparelhamnetos do Cinema falado.

Em summa, a suppôr-se que os projectos se realisem, os adversarios do "trust" serão merecedores de todos os elogios.

Porque, valha a verdade: embora a nossa Empresa Gomes Nogueira exhiba em sua quasi maioria os films Paramount, Metro, First, Fox, Serrador, United, ...Matarazzo, Rex, Plus Cltra, *"et cetera"*, um "trust" nunca passa de "trust"mesmo.

Uma concorrenciazinha séria sempre desperta enthusiasmo pelo bem-estar e pela paciencia do exmo. publico.

Oxalá o novo Cinema conserve bem alto ergidos os seus dezoito andares — ou quantos fôrem — e não queira seguir o exemplo de seus mallogrados predecessores. Porque não se póde negar que iniciativas assim, só podem trazer beneficios para a nossa desventurada platéa, até hoje pouco contemplada por uma sorte pretissima...

Boles

(Correspondente de "Cinearte")

"The Bad Ohe" é o novo film de Dolores Del Rio. A direcção é de Carey Wilson.

* * *

John Barrymore e Dolores Costello compraram uma oova casa em Sutton Place... Ainda não brigaram, hein?

* * *

O proximo film de Maurice Chevalier será "The Big Pond".

* * *

Em Harmony At Home" da Fox, figuram Marguerite Churchel, Rex Bell, Dixie Lee, Dot Farley e Charles Gaton.

* * *

Evelyn Brent é a estrella de "Darkened Skies" de uma companhia ????

* * *

Ive Carol, Dixie Lee, Nick Stuart e David Rollins star em "Why Leave Home", da Fox.

* * *

Tom Moore, Blanche Leveet, Sally Starr, Bobby Agenen e outros figuram em "The Woman Racket" da M. S. M.

* * *

Lenore Ulric é a estrella de "South Lea Rose" da Fox.

Brunswick
A Dança
Atravez Das Edades
Todas as danças antigas e mod s
estão conservadas, com a maxima
fidelidade, nos discos
Brunswick
Os aperfeiçoadissimos apparelhos dessa marca, de fama universal, permittem-nos ouvir as antigas, revivendo o passado, e as modernas realizando-as com toda a vida e elegancia, nos salões e nos clubs, como se fossem executadas pela mais afinada orchestra de professores artistas. : : : : : :
AS
PANATROPES
com
RADIOLA
Brunswick
lançadas ao mercado em
1929
fizeram tão formidavel successo pela sua perfeição technica, que as fabricas concorrentes foram forçadas a refazer os seus modelos e a diminuir, nos Estados Unidos, sensivelmente os seus preços.
PANATROPE-RADIOLA
MODELO 3 K R S
(ORTHOPHONIA INIGUALAVEL)
ASSUMPÇÃO & Cia Ltda
DISTRIBUIDORES
RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO
Offs. Gphs. d' O Malho